



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U 18/05/2020

JALMIR PROFETA DA SILVA

**CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER* EM DOCUMENTOS ESCRITOS POR
REDADORES INÁBEIS NO SÉCULO XX**

Feira de Santana-BA
2025

JALMIR PROFETA DA SILVA

**CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER* EM DOCUMENTOS ESCRITOS POR
REDADORES INÁBEIS NO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto.

Feira de Santana-BA
2025

S58c

Silva, Jalmir Profeta da

Construções com o verbo *ter* em documentos escritos por redatores inábeis no século XX / Jalmir Profeta da Silva. – 2025.

86 f.: il.

Orientador: Nativel Almeida Simões Neto

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2025.

1. Gramática. 2. Linguística. 3. Verbo. 4. Português brasileiro.
5. Redatores inábeis. I. Simões Neto, Nativel Almeida. orient.
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU 801.5

TERMO DE APROVAÇÃO

JALMIR PROFETA DA SILVA

CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER* EM DOCUMENTOS ESCRITOS POR REDADORES INÁBEIS NO SÉCULO XX

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovado em 12 de Fevereiro de 2025

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Nival Almeida Simões Neto (orientador, UFBA/UEFS)

Nival Almeida Simões Neto

Professora Dra. Huda da Silva Santiago (Examinador interno, UEFS)

Huda da Silva Santiago

Professor Dr. Diego Spader de Souza (Examinador externo, UNISC)

Diego Spader de Souza

AGRADECIMENTOS

A Deus pela permanente presença e proteção de sempre.

Aos meus pais, Gerson e Márcia, pelo apoio e estímulo permanentes. Minha mãe, muito obrigado por todo esforço e não me deixar sozinho por nenhum instante. Esse título é para vocês!!!

Aos meus irmãos, Gabriel e Alana, pela presença constante no meu dia a dia e pela ajuda dada ao longo do processo.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Nival Simões Neto, pelas correções feitas, pelas sugestões dadas. Por acompanhar minha vida acadêmica, estimulando-me, confiando e acreditando na nossa pesquisa. Professor, muito obrigado por tornar essa etapa da minha vida uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento profissional. O senhor foi fundamental!!!

À minha professora de metodologia da pesquisa, Profa. Dra. Huda Santiago, pelas correções atentas e pelas preciosas sugestões dadas no estágio e nas três disciplinas que pude tê-la como professora. Aproveito para agradecer a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos que contribuíram, de alguma forma, para meu ciclo no mestrado: Profa. Dra. Mariana Fagundes, Profa. Dra. Silvana Araújo, Profa. Dra. Norma Almeida, Prof. Dr. Lucas Nascimento e a todos os outros que fizeram parte da minha caminhada.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Letras e Artes da UEFS, em especial, Nelmira Moreira, Norma Soeli, Rejane Santana, Valéria Marta, Tércia Valverde, Rosana Patrício, Valdilene Gondim, que contribuíram para minha formação acadêmica. Agradeço, também, a dona Branca pelas risadas e atenção dada ao longo das aulas e aos meus colegas de turma, especialmente, Mainara Araújo, Paloma Aquino e Manoel Oliveira pelas risadas, pelas ajudas e pelas conversas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela importante ajuda financeira que muito contribuiu para o andamento e conclusão da minha dissertação.

RESUMO

Nesta dissertação, propõe-se, com base na abordagem construcional da gramática de orientação cognitivo-funcional, uma descrição e análise dos esquemas que integram o verbo *ter* em documentos escritos por escreventes inábeis no século XX, a fim de caracterizar os usos das construções com o referido verbo em textos escritos por *mão inábil*, acreditando que tal discussão pode revelar aspectos parciais sobre o *constructicon* de usuários com o perfil selecionado. Para tal propósito, analisam-se 103 realizações de construções com o verbo *ter* que se materializaram em documentos escritos por redatores inábeis. O *corpus* para análise e descrição foi recolhido de um acervo constituído por 131 cartas, cujos redatores são sertanejos dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do coité e Ichu, no semiárido baiano, os quais são adultos estacionados em fase inicial de aquisição de escrita (Marquilhas, 2000). O desenvolvimento da presente pesquisa se orienta por meio da agenda de trabalho do *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE DOHS/UEFS), como também do projeto CONHPOR - Construcionário Histórico da Língua Portuguesa: esquemas morfológicos e sintáticos do português em abordagens construcionais, relacionais e cognitivistas. O arcabouço teórico- metodológico se pauta em autores que tratam tanto dos fundamentos da Gramática de Construções em perspectiva cognitivo-funcional quanto de aspectos importantes para uma abordagem sócio-histórica da língua portuguesa, assim, destacam-se: Goldberg (1995, 2006), Pinheiro (2016), Santiago (2019), Barbosa (2017), Chiavegatto (2009), VIotti (1998), Pinheiro (2009), Peixoto (2012), Vieira (2017) e Costa (2018). Desenvolvida a pesquisa, foi possível verificar a ocorrência de cinco construções: (i) posse metafórica (“*Farsa um tudo purmin detas que nois **ten tempo** par Acerta*”), (ii) ação concluída (“*Compadi pitanga eu fiqei comenti du senhor **ter min a virzado***”), (iii) posse (“*e vor lhi dizer que as galinha que eu **tem** ai e a q foi de bernadete*”), (iv) Construção existencial (“*var mi descupano os ero que **tem** e recebe lembran*”) e (v) construção de obrigatoriedade (“*Bom Pitanga si você não vendêu u jumento não **tem que vender** que eu vou mandar burcar nu meis di setembro*”). Os resultados desta pesquisa revelam que, nos usos do item *ter* em documentos escritos por redatores inábeis no século XX, há a predominância de usos mais abstratos, em que ele aparece, principalmente, como verbo pleno, auxiliar e suporte, o que demonstra a alta abstratização desse elemento, mas também tipos variados de construções.

Palavras-chave: Gramática de Construções. Escrita inábil. Verbo *ter*. Português Brasileiro.

ABSTRACT

This dissertation proposes, based on the constructional approach of cognitive-functional grammar, a description and analysis of the schemes that integrate the verb *ter* in documents written by unskilled writers in the 20th century, in order to characterize the uses of constructions with the aforementioned verb in texts written by unskilled handwriting, believing that such discussion may reveal partial aspects of the construction of users with the selected profile. For this purpose, 103 realizations of constructions with the verb *ter* that materialized in documents written by unskilled writers were analyzed. The corpus for analysis and description was collected from a collection consisting of 131 letters, whose writers are rural residents of the municipalities of Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité and Ichu, in the semi-arid region of Bahia, who are adults in the initial phase of acquiring writing skills (Marquilhas, 2000). The development of this research is guided by the work agenda of the Electronic Corpus of Historical Documents of the Sertão (CE DOHS/UEFS), as well as the CONHPOR project - Historical Constructionary of the Portuguese Language: morphological and syntactic schemes of Portuguese in constructional, relational and cognitivist approaches. The theoretical-methodological framework is based on authors who deal with both the foundations of Construction Grammar from a cognitive-functional perspective and important aspects for a socio-historical approach to the Portuguese language, thus, the following stand out: Goldberg (1995, 2006), Pinheiro (2016), Santiago (2019), Barbosa (2017), Chiavegatto (2009), Viotti (1998), Pinheiro (2009), Peixoto (2012), Vieira (2017) and Costa (2018). Once the research was developed, it was possible to verify the occurrence of five constructions: (i) metaphorical possession (“Farsa um tudo purmin detas que nois ten tempo para Acerta”), (ii) completed action (“Compadi pitanga I was satisfied that the gentleman had come to me”), (iii) possession (“and I will tell you that the chicken I have there is the one that belonged to Bernadete”), (iv) existential construction (“let me apologize for the mistakes you have and receive a reminder”) and (v) obligatory construction (“Good Pitanga if you didn’t sell the donkey you don’t have to sell it because I’m going to send it to be stolen in September”). The results of this research reveal that, in the uses of the item *ter* in documents written by unskilled writers in the 20th century, there is a predominance of more abstract uses, in which it appears mainly as a full verb, auxiliary verb and support verb, which demonstrates the high abstraction of this element, but also varied types of constructions.

Keywords: Construction Grammar. Unskilled Writing. Verb *ter*. Brazilian Portuguese.

RELAÇÃO DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

Quadro 1- Continuum léxico-sintaxe	19
Quadro 2: Diferenças entre as abordagens construcionais	21
Quadro 3: As construções linguísticas	25
Figura 1 -Rede construcional	32
Quadro 4: Alguns resultados com o verbo ter	38
Tabela 1: Caracterização do corpus	50
Figura 2: Carta inábil (Antônio Fortunato da Silva).....	51
Tabela 2 - Tipo de construção e número de ocorrências	55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CE-DOHS	Corpus Eletrônicos de Documentos Históricos do Sertão
CONH POR	Construcionário Histórico da Língua Portuguesa: esquema morfológicos e sintáticos do português em abordagens construcionais, relacionais e cognitivistas
D&G	Grupo de Estudo Discurso e Gramática da Universidades Federais Fluminense, do Rio Grande do Norte e do Rio de Janeiro.
GC	Gramática de Construções
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
LC	Linguística Cognitiva
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LÍNGUA, CULTURA E COGNIÇÃO	13
2.1 USOS LINGUÍSTICOS E LINGUÍSTICA COGNITIVA	13
3 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: CARACTERIZAÇÃO	18
3.1 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: BASES TEÓRICAS	18
3.2 AS VERTENTES FORMALISTAS E AS VERTENTES FUNCIONAL- COGNITIVISTAS	21
3.3 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO: PRINCÍPIOS TEÓRICOS	23
3.3.1 A perspectiva de Goldberg (2006)	23
3.3.2 A perspectiva de Bybee (2016 [2010])	27
3.3.3 A perspectiva de Traugott e Trousdale (2021 [2013])	30
5 CONSTRUÇÕES COM O VERBO TER NA LÍNGUA PORTUGUESA	37
5.1 ALGUNS ESTUDOS ANTERIORES RELACIONADOS AO VERBO TER	37
5.1.1 Viotti (1998)	37
5.1.2 Pinheiro (2009)	38
5.1.3 Peixoto (2012)	40
5.1.4 Vieira (2017)	41
5.1.5 Costa (2018)	42
6 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA	44
6.1 O CE-DOHS	44
6.2 A CULTURA ESCRITA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	45
6.3 MARCAS DE INABILIDADE NO SÉCULO XX: A ESCRITA INÁBIL E A ESCRITA HÁBIL	47
6.4 O CORPUS E A COLETA DE DADOS	50
6.5 A NATUREZA DA PESQUISA	53
6.6 ANÁLISE DOS DADOS	53
7 USOS COM O VERBO TER NOS DOCUMENTOS ESCRITOS POR REDADORES INÁBEIS	55
7.1 APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS	55
7.2 ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM O VERBO TER ENCONTRADAS NO CORPUS	58
7.2.1 A construção de posse metafórica	59
7.2.2 Ação concluída	62
7.2.3 Construção de posse	63
7.2.4 Construção existencial	64
7.2.5 Construção de obrigatoriedade	65
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	71

1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, propõe-se a descrever e analisar, com base na abordagem construcional da gramática que propõe uma investigação linguística por meio do pareamento forma/sentido, esquemas sintático-semânticos que integram o verbo *ter*, em documentos escritos por *mãos inábeis* no século XX. Trata-se, portanto, de uma pesquisa comprometida com a Linguística Baseada em Uso (Bybee, 2016 [2010]) e como as situações linguísticas impactam a estrutura e a expressão de sentido em determinada língua.

Sobre a expressão *mão inábil*, conforme Barbosa (2017, p. 20-21), o seu uso serve para assinalar as marcas reveladoras de que dado redator parou na fase inicial de aquisição da escrita alfabética. Cabe aventar que o perfazimento da presente pesquisa cumpre uma das agendas de trabalho do projeto “CONHPOR Construcionário Histórico da Língua Portuguesa: esquema morfológicos e sintáticos do português em abordagens construcionais, relacionais e cognitivistas” (CONSEPE-UEFS 116/2021), atendendo também a demandas do grupo de pesquisa CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão.

Uma vez que a análise dos verbos constitui parcela importante do objeto de investigação desta pesquisa, cabe definir essa classe de palavras e caracterizar o seu funcionamento na língua portuguesa. De acordo com Câmara Júnior (1970), o verbo *é*, em português, o vocábulo flexional por excelência, dada a sua complexidade e a multiplicidade das suas flexões. Isso se percebe nas transformações que essa importante classe morfológica sofreu tanto na passagem do latim para o português arcaico quanto na passagem desse último rumo à constituição do português brasileiro. Considerando-se os diferentes períodos históricos e espaços geográficos pelo qual o português passou em sua constituição, bem como os contatos linguístico-culturais que estabeleceu, é possível vislumbrar que as formas de expressão dos verbos não são estáveis.

Segundo Cunha e Cintra (2016, p. 393), o verbo *é* uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. É importante destacar, também, que o verbo, na maior parte dos livros didáticos, do ensino básico, é definido como a palavra que indica ação, estado e fenômeno da natureza; convém sinalizar, no entanto, que essa é uma definição superficial, visto que outras classes gramaticais, como adjetivos e advérbios, podem fornecer essas informações.

Bagno (2012), em sua gramática pedagógica, acrescenta, a essa definição estritamente semântica, que o verbo *é* a classe gramatical que varia em tempo, modo, aspecto, número e pessoa, e é necessário considerar o contexto de uso, os sentidos que produz e as variantes ao

longo da história da língua portuguesa, para promover discussões mais detalhadas sobre essa importante categoria morfológica.

Em relação ao verbo *ter*, a sua etimologia remonta ao verbo latino *tenere*, que significava *manter/obter* (Viotti, 1998, p. 44). A gramática tradicional o apresenta como indicativo de posse ou auxiliar (Vieira, 2017, p. 55). Entretanto, para Vieira (2017, p. 08), determinadas construções com o elemento linguístico *ter* revelam os mais diversos usos tanto na fala quanto na escrita. A autora comenta que significados como *existir, acreditar, obrigatoriedade* são instanciados por esse item gramatical.

Nesta dissertação, apresenta-se, à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), uma discussão sobre os padrões construcionais que integram o verbo *ter* nos textos escritos por redatores inábeis no século XX. Nessa discussão maior, inserem-se outras a serem respondidas: em que plano se observam diferenças, quando se considera o padrão de origem desse verbo? No plano formal? No plano funcional? Diferença em relação à frequência de uso? No *corpus*, o verbo *ter* aparece como verbo pleno, auxiliar e suporte? Considerando que o *constructicon* é o repertório de construções linguísticas conhecidas pelo falante, e esse repertório pode variar no tempo, no espaço e de falante para falante, o que as construções com *ter* podem revelar sobre o *constructicon* dos inábeis?

Para compreender o escopo teórico que esta pesquisa se insere, comenta-se que a abordagem construcional da gramática é relativamente recente na tradição dos estudos linguísticos, sendo pouco visto o uso desse arcabouço teórico-metodológico em trabalhos de Linguística Histórica de orientação sócio-histórica. Esse aspecto, por si só, já explica a relevância deste trabalho, e outras questões decorrentes desse alinhamento podem ser aventadas. Na Gramática de Construções, defende-se que todo falante possui um *constructicon*, uma espécie de repositório de construções que engloba morfemas, palavras, padrões morfológicos, expressões idiomáticas, padrões sintáticos etc. Esse *constructicon* varia de falante para falante e está intimamente relacionado às experiências de uso. Dessa maneira, com esta dissertação, há a oportunidade de se conhecer, ainda que parcialmente, o *constructicon* de pessoas ditas inábeis com a escrita, no Brasil do século XX.

É preciso chamar a atenção, também, que as construções com o verbo *ter* são temas recorrentes em pesquisas da área de morfossintaxe em diversas perspectivas teórico-metodológicas, incluindo a Gramática de Construções. Entretanto, não se sabe, ainda, o que pode ser dito em relação aos usos feitos por inábeis: os usos feitos por inábeis são diferentes daqueles feitos por hábeis nos mesmos períodos? Hábeis e inábeis dominam as mesmas

construções com *ter*? Quais aspectos linguísticos são relevantes para a identificação do *constructicon* de um inábil? A conclusão desta pesquisa contribui, não só para a construção de respostas a essas perguntas, mas também para o estabelecimento da Gramática de Construções como uma ferramenta que poderá contribuir para a interpretação de fatos sócio-históricos e sociolinguísticos da história da língua portuguesa no Brasil.

Os dados utilizados na presente pesquisa foram coletados de um acervo composto por 131 cartas, que constituem um material homogêneo, uma vez que esses documentos foram trocados entre remetentes e destinatários que mantêm relações simétricas e fazem parte de um contexto sociocultural similar, de acordo com o que apresenta Santiago (2023, p. 19). Ademais, importa ressaltar que essas fontes documentais são editadas e estão disponibilizadas em domínio público. Esse acervo de cartas é subprojeto do CE-DOHS/UEFS, além disso, é resultado da tese de doutorado *A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização* de Santiago (2019). Todos os textos desse acervo são datados do século XX, o que permite a análise e a descrição das construções com o verbo *ter*, considerando o *constructicon* do redator inábil inserido em um contexto histórico e sociocultural.

É importante ressaltar que os redatores são, de maneira geral, lavradores naturais da zona rural, oriundos de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no semiárido baiano. Esses textos foram escritos entre os anos 1906 e 2000, sendo a maior parte escrita entre as décadas de 1950 e 1970 (Santiago, 2023). Lembra-se, ainda, de que, conforme Santiago (2023), os redatores dessas cartas tiveram contato com as primeiras letras, em espaços extraescolares, na própria casa ou de parentes, devido à precariedade e funcionamento irregular das escolas nesse lastro temporal que foram escritas.

Nesta dissertação, propõe-se a seguinte estruturação: a primeira seção trará a discussão *língua, cultura e cognição*, em que serão feitas considerações teóricas a respeito dos pontos *língua, cultura e linguística cognitiva*. Na segunda seção, será feita tanto uma discussão verticalizada da teoria construcional, quanto uma descrição dos principais conceitos e procedimentos metodológicos propostos pela Gramática de Construções e qual aplicabilidade e implicações para descrição e análise das estruturas que integram o verbo *ter* nos documentos escritos por inábeis no século XX.

Na terceira seção, são feitas considerações teóricas sobre o verbo *ter*, em que se apresentam a perspectiva da gramática tradicional e estudos relacionados à linguística funcional. Na seção seguinte, detalham-se aspectos teórico-metodológicos desta pesquisa, comentado não somente características da história da cultura escrita no Brasil e as principais marcas de inabilidade com a escrita, como a natureza da pesquisa e como decorreu a coleta e

análise dos dados. Posteriormente, apresenta-se a discussão dos resultados. Por fim, são feitas as considerações finais. Portanto, esta pesquisa pretende, tanto fomentar novos estudos no âmbito da Gramática de Construções, quanto contribuir para disponibilização de *corpora* para o estudo da história linguística do Português Brasileiro.

2 LÍNGUA, CULTURA E COGNIÇÃO

Nesta seção, serão feitas considerações teóricas a respeito da língua, da cultura e da Linguística Cognitiva, em função que o arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa é pautado na Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2012) a qual está inserida no campo de estudo da Linguística Cognitiva.

2.1 USOS LINGUÍSTICOS E LINGUÍSTICA COGNITIVA

A discussão acerca da relação entre linguagem, cultura e sociedade é antiga na tradição dos estudos linguísticos, mas, segundo Chiavegatto (2009), com a inclusão do elemento ‘cognição’, ela é consideravelmente ampliada. Isso, segundo a autora, acontece no último quartel do século XX, quando surgiram trabalhos revisitando não apenas a estreita relação entre povo e sua cultura, como as construções significativas de suas línguas como fatos cognitivos construídos nas interações comunicativas.

Uma das teorias que se destaca nesse cenário é a Linguística Cognitiva (LC) que surgiu em meados da década de 1980. A LC contempla uma série de construtos teóricos, como a Teoria da Metáfora Conceptual, a Semântica de Frames e a Teoria dos Espaços Mentais. Essa teoria de cunho cognitivo, não obstante reconheça as contribuições dadas aos estudos linguísticos pelo Gerativismo chomskyano, defende que há uma necessidade da unificação do léxico, da gramática, da semântica e da pragmática nas pesquisas de vertente linguística, uma vez que a linguagem integralmente experienciada e percebida prevê o compartilhamento e a veiculação dos conhecimentos lexicais, gramaticais, semânticos e pragmáticos.

Ferrari (2011, p. 13) chama a atenção para o fato que o gerativismo percebia o módulo cognitivo da linguagem como independente de outros módulos da cognição (como o raciocínio matemático e a percepção). Além disso, Ferrari (2011, p.14) comenta que a teoria chomskyana defende a primazia do módulo sintático, que apresenta princípios próprios e independentes do módulo fonológico e semântico, percebendo a língua como um fenômeno desvinculado das situações sociais. Por outro lado, a LC postula que a linguagem não é modular e prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados entre a estrutura linguística e o conteúdo conceptual influenciados pelo uso linguístico. Ferrari (2011, p.14) salienta que

A Linguística Cognitiva defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Assim, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo, e passa a ser visto como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e

experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não contêm significados, mas orientam a construção do sentido. Para usar uma afirmação que já se tornou clássica na área “a linguagem é a ponta visível do *iceberg* da construção invisível do significado” (Fauconnier, 1997:01) (Ferrari, 2011, p.14).

Cabe enfatizar, como chama a atenção Ferrari (2011), que a experiência do falante tem papel preponderante na construção dos significados e essa experiência é corporificada, isto é, a apreensão do significado é feita a partir da experiência física vinculada à interação com o mundo, o que reflete na nossa cognição e na nossa maneira de expressar a língua. Com isso, pode-se dizer que a LC percebe nossa cognição como sendo corporificada, isto é, perpassam as nossas experiências sensoriais, e o significado é uma construção mental em movimento contínuo de conceptualização (compreensão linguística), categorização (organização linguística) e recategorização do mundo através de estruturas cognitivas e módulos compartilhados de aspectos socioculturais, sob o qual o usuário da língua faz parte (Ferrari, 2011, p.15). A LC defende, pois, que a linguagem expressa o mundo através do que encontra armazenado e disponível em nossa cognição.

Ressalta-se, ainda, que a LC surgiu com o intuito descrever, explicar e dar tratamento a sistematicidade, a estrutura e as funções realizadas pela linguagem (Evans e Green, 2006). A LC defende, também, que a linguagem não somente é um meio para fazer reflexões sobre propriedades fundamentais e aspectos da organização da mente humana, como também um mecanismo pelo qual o indivíduo codifica e externaliza pensamentos através de palavras armazenadas, constituídas e motivadas pelo contexto de vivência, já que a experiência humana é fundamental para a construção de significados. Para Evans e Green (2006) a linguagem é um importante meio para acessar a cognição humana e perceber particularidades sobre ela:

A linguagem oferece uma janela para a função cognitiva, fornecendo insights sobre a natureza, estrutura e organização de pensamentos e ideias. A maneira mais importante pela qual a linguística cognitiva difere de outras abordagens para o estudo da linguagem, então, é que a linguagem é considerada um meio para refletir certas propriedades fundamentais e características de design da mente humana¹ (Evans; Green, 2006, tradução livre)².

Sob essa perspectiva, é preciso ressaltar que o conceito decodificado a partir do signo linguístico é uma representação mental particular, que nos permite observar abstrações realizadas pelo falante (Evans; Green, 2006, tradução livre). Com efeito, deve-se entender a

¹ Language offers a window into cognitive function, providing insights into the nature, structure, and organization of thoughts and ideas. The most important way in which cognitive linguistics differs from other approaches to the study of language, then, is that language is considered a means for reflecting certain fundamental properties and design features of the human mind.

² Tradução feita pela professora Sandra Bernardo e compartilhada na disciplina *fundamentos da conceptualização* da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a qual eu fiz como aluno externo no semestre de 2023.1. Trata-se de uma tradução não publicada.

materialidade da linguagem como pistas para processos subjetivos de conceptualização e categorização construídos mentalmente. Sobre isso, Evans e Green (2006) comentam que

A linguagem não reflete uma realidade objetiva, pois a realidade não é dada objetivamente; a realidade é em grande parte construída pela natureza da nossa exclusiva corporificação; não existe mundo físico objetivo independentemente dos seres humanos; a linguagem reflete a nossa organização conceitual do pensamento sobre o mundo³ (tradução livre).

Evans e Green (2006), quando se referem a não existência de um mundo físico objetivo, independente dos seres humanos, buscam destacar que a nossa cognição, que tem reflexo em nossa linguagem, é experienciada e corporificada e, com isso, na construção de significados linguísticos também perpassa o conhecimento subjacente do falante e como ele percebe o mundo através de suas crenças socioculturais.

Ao utilizar expressões como *agarrar com unhas e dentes*, *amigo da onça* e *andar nas nuvens*, o falante apropria-se de operações mentais complexas, que projetam domínios linguísticos, cognitivos e interacionais que contemplam seu repertório sociocultural (Chiavegatto, 2009, p. 77). Ademais, essas construções demarcam a indissociável relação entre língua, cultura e cognição. No contexto do Português Brasileiro (PB), dizer que vai “*agarrar com unhas e dentes*” alguma coisa traz o significado de determinação, agir de maneira extrema em defesa de algo e não a compreensão literal da estrutura.

De maneira semelhante, a expressão “*amigo da onça*” não significa que determinada pessoa converse, ou troque segredos com uma onça, mas que alguém é falso, traidor ou pouco confiável. Analogamente, a construção *andar nas nuvens* não significa que alguém está sobre nuvens, sim que alguém está distraído ou contente. Logo, nota-se que a motivação para atribuir conceitos a determinadas construções em dada língua perpassa a indissociável relação entre língua e cultura e as implicações cognitivas que norteiam as conceptualizações do falante.

Além disso, consoante Antuñano (2013, p. 254-255), a LC percebe a linguagem inserida em situações de uso e como sendo essencialmente simbólica. Dessa maneira, percebe-se que os registros linguísticos utilizados pelos falantes de dada língua são mediados pela interação social e cultural em que estão inseridos. Essa pesquisadora espanhola comenta também

A linguística cognitiva propõe que devemos procurar precisamente as conexões que podem existir entre a faculdade linguística e as outras faculdades cognitivas. Por exemplo, uma dessas conexões é o uso de estratégias como a segregação de informações em figura e histórico. Todos recebemos grandes quantidades de

³ “Language does not reflect an objective reality, because reality is not objectively given; reality is largely constructed by the nature of our unique embodiment; there is no objective physical world independent of human beings; language reflects our conceptual organization of thought about the world”.

informação perceptual a cada momento e, no entanto, quando se trata de processá-la apenas 'segregamos' ou 'filtramos', de uma forma mais ou menos automática e inconsciente que pode ser manipulada, aquilo que julgamos como o mais relevante em uma determinada situação⁴ (Antuñano, 2013, p. 248, tradução própria)

Ademais, para Antuñano (2013, p. 255), o conhecimento do falante inclui as abstrações que ele faz da língua, e essas se estruturam a partir dos eventos de usos individuais e coletivos das expressões linguísticas. Assim, ao descrever e analisar as construções com o verbo *ter*, por meio desta pesquisa de mestrado, objetiva-se apresentar como as estruturas com esse verbo manifesta a organização conceitual do pensamento de redatores que pararam em fase inicial de aquisição da escrita alfabética, para, ainda, dizer o que as estruturas com esse item lexical podem revelar sobre aspectos da cognição de escreventes inábeis.

Consoante Ferrari (2011, p. 14), a LC concede à cognição um papel de mediadora entre a palavra e o mundo, o que faz perceber o significado como sendo uma construção que envolve a experiência do falante e seu contexto sociocultural. Mas também, a linguagem humana é um instrumento de organização, processamento e transmissão de informações semânticas e pragmáticas, em que o significado é uma construção mental com movimento contínuo de categorização de sentenças a partir de estruturas cognitivas e interações espaciais e socioculturais (Ferrari, 2011, p. 14-15).

A respeito do contexto de vivência dos redatores e destinatário dos documentos escritos por *mãos inábeis*, segundo Santiago (2023, p. 33), eles são, de maneira geral, viveram no semiárido da Bahia e eram trabalhadores rurais, com baixas condições financeiras, trabalhavam com agricultura de subsistência e criação de animais de pequeno porte, principalmente. Essa descrição sociocultural dos escreventes e destinatários é fundamental para percepção de qual contexto linguístico as construções com os verbos *ter* e *ir* foram produzidas.

Em Bybee (2016, p. 317), há o entendimento de que, ao refletir sobre a estrutura da língua, é importante considerar que o contexto de uso e a influência cultural, os quais emergem das práticas linguísticas do falante, têm fundamental impacto na percepção de evidências históricas e cognitivas do registro linguístico, pois as construções em uso trazem marcas de onde veio dada língua, quais influências ela tem, quais aspectos ela conserva e o que a identifica como língua natural. Com efeito, esta pesquisa considera qual o papel que o contexto

⁴ “La lingüística cognitiva propone en cambio que hay que buscar precisamente las conexiones que puedan existir entre la facultad lingüística y las demás facultades cognitivas. Por ejemplo, una de esas conexiones es la utilización de estrategias como la segregación de la información en figura y fondo. Todos recibimos grandes cantidades de información perceptual a cada momento y, sin embargo, a la hora de procesarla solamente ‘segregamos’ o ‘filtramos’, de una manera más o menos automática e inconsciente que puede llegar a manipularse, aquella que juzgamos como la más relevante en una determinada situación” (Antuñano, 2013, p. 248).

sociocultural desempenha na mediação entre o registro linguístico utilizado pelos redatores inábeis e os significados produzidos pelas construções linguísticas em uso.

3 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: CARACTERIZAÇÃO

Nesta seção, objetiva-se definir o que tem sido os estudos relacionados à Gramática de Construções e trazer considerações sobre os principais aspectos que a caracterizam. Nas considerações iniciais, busca-se apresentar as premissas que corroboram a sua estruturação. Posteriormente, apresentam-se os modelos de Gramática de Construções e as principais concepções atreladas a essas referências construcionais. Por fim, não apenas se discutem as bases teóricas da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), padrão teórico-metodológico central desta dissertação, como também serão feitas considerações sobre os principais conceitos relacionados a esse modelo de representação do conhecimento linguístico.

3.1 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: BASES TEÓRICAS

Os estudos linguísticos, através de diferentes vertentes teóricas, têm como um de seus objetivos apresentar como o conhecimento linguístico do falante é representado. Um desses modelos teóricos que visa a apresentar o repertório linguístico do falante de dada língua é a Gramática de Construções (GC) a qual, centrada na noção de construção - pareamento de forma e significado ou construções em rede (Goldberg, 2006) -, retoma a premissa saussuriana de que o signo linguístico evidencia uma relação entre significante e significado, o que permite gerar construções simples (morfemas, palavras), construções complexas (construções passivas, expressões idiomáticas), mas também são capazes de registrar todo conhecimento de uma língua.

A GC surgiu na década de 1980, na Universidade da Califórnia (Berkeley), como resultado dos trabalhos seminais de George Lakoff (1974), Paul Kay (1984) e Charles Fillmore (1985) com o objetivo inicial de observar expressões idiossincráticas e expressões idiomáticas e estabelecer parâmetros universais entre elas. No trabalho de Pinheiro (2016), salienta-se que, ao longo dos anos, diversas vertentes construcionais surgiram: *a Gramática de Construções de Berkeley (Fillmore, 1988; Fillmore; Kay; O'Connor, 1988)*, *a Gramática de Construções Cognitiva (Goldberg, 2006)*, *a Gramática de Construções Corporificada (Bergen; Chang, 2005)*, *a Gramática de Construções Fluida (Steels, 2011)*, *a Gramática de Construções Radical (Croft, 2001)*, *a Gramática Cognitiva (Langacker, 1987; 1991)* e *a Gramática de Construções Baseada-em-Signos (Boas; Sag, 2012)*.

Esses modelos teóricos compartilham semelhanças que nos permitem tratá-los no mesmo universo teórico. Essas similaridades são sintetizadas por Pinheiro (2016) em três princípios. O primeiro princípio abordado por Pinheiro (2016, p. 02) - “*é tudo léxico*” - defende que a totalidade do conhecimento linguístico pode ser compreendido por meio do pareamento da forma (aspectos fonéticos, fonológicos e morfossintáticos) e significado (aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos), o que corrobora o enquadramento da GC no escopo teórico da LC.

Esse léxico de construções postulado pela GC, é frequentemente referenciado como *constructicon* (uma integração “*construction*” e “*lexicon*”) e inclui palavras, padrões morfológicos, esquemas sintáticos semipreenchidos, esquemas sintáticos totalmente abertos e padrões prosódicos (Pinheiro *et al*, 2023, p. 02). Esse conjunto de construções, comumente referido como *continuum* léxico-sintaxe é apresentado por Pinheiro *et al* (2023):

Quadro 1- Continuum léxico-sintaxe

Tipo de construção	Exemplo
Palavra	árvore
Expressão fixa	Bom dia, “cada macaco em seu galho”
Esquema morfológico	re + base verbal (ex: rearrumar, refazer)
Esquema sintático semipreenchido	que mané X; que X o quê; vê se X (ex: que mané férias; que férias o quê; vê se me esquece)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: o aluno entendeu o exercício)
Padrão entoacional	Ascendente

Fonte: adaptado de Pinheiro *et al* (2023)

A partir da compreensão do quadro, defende-se que a GC parte do princípio de que estruturas sintáticas e morfológicas complexas (respectivamente SVO e RE + BASE VERBAL) não precisam ser derivadas. Com efeito, a GC é caracterizada como um modelo não derivacional de representação do conhecimento linguístico, o que corrobora a sua oposição ao modelo gerativista.

O segundo princípio apresentado por Pinheiro (2016, p. 07) - *O constructicon tem formato de rede* - diz respeito a como o conhecimento linguístico do falante pode ser representado por uma rede, uma vez que as palavras formam uma grande teia, associando-se

umas às outras de maneira complexa e por meio de diferentes tipos de relações, formando um grande léxico de construções. E, essas construções em “rede” apresentam níveis de generalização, a saber: construções SUJ-PREDICADO são mais gerais que as construções SUJ.V.OD.OI, que por sua vez, são mais gerais que as construções SUJ.V.OD.OI com significado idiomático. Esse segundo princípio da GC enfatiza a rejeição da LC em separar léxico, gramática, semântica e pragmática, na medida em que compreende a linguagem como sendo o compartilhamento e a integração desses saberes.

O entendimento do terceiro princípio, em consonância com o disposto em Pinheiro (2016, p. 08), perpassa a compreensão de que as construções gramaticais devem ser combinadas entre si, desde que haja compatibilidade entre suas propriedades gramaticais. A fim de exemplificar essa incompatibilidade, Pinheiro (2016, p. 08) traz o seguinte exemplo: “*Caminhar chutou a bola”. Observa-se uma incompatibilidade sintática, visto que o item lexical “caminhar”, sujeito da estrutura, trata-se de um verbo e não um sintagma nominal que o sistema SVO exige como ocupante da posição de sujeito. Além disso, Traugott; Trousdale (2021, p. 27-28) acrescentam considerações sobre os princípios convergentes compartilhados entre as abordagens correntes da GC:

(i) a unidade básica da gramática construção é o pareamento convencional de forma e significado (ii) a estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial sem derivações (iii) a língua como outros sistemas cognitivos é uma rede de nós e elos, entre os nós, as associações entre alguns desses nós tomam a forma de hierarquias de herança (relações taxonômicas que capturam o grau em que propriedades de construções de níveis mais baixos são previsíveis a partir de construções mais gerais) (iv) a variação translíngua (e dialetal) pode ser explicada de vários modos, incluindo processos cognitivos de domínios gerais (v) a estrutura da língua é moldada pelo uso da língua (Traugott; Trousdale (2021, p. 27-28).

Depreende-se, então, que a GC é um modelo de representação do conhecimento linguístico do falante, em que esse repertório é inteiramente representado pelo pareamento forma-significado. Essa representação do conhecimento linguístico forma uma rede de construções gramaticais ou *constructicon* que podem ser combinadas, caso haja compatibilidade entre suas propriedades gramaticais, a fim de licenciar enunciados concretos. Mas também, a integralidade do conhecimento linguístico do falante está intimamente atrelada à representação subjacente da sua estrutura mental e como os significados produzidos no uso linguístico se integram e produzem enunciados representativos, capazes de capturar a estrutura da língua em uso.

Na próxima subseção, busca-se chamar a atenção sobre as diferenças entre as vertentes formalistas e as vertentes funcional-cognitiva da GC.

3. 2 AS VERTENTES FORMALISTAS E AS VERTENTES FUNCIONAL-COGNITIVISTAS

Conforme já mencionado, os modelos da Gramática de Construções compartilham semelhanças, que permitem estabelecer uma uniformidade entre as abordagens propostas. Por outro lado, a partir da noção da existência das abordagens formalistas e das abordagens funcional-cognitivistas, há a percepção de diferenças consideráveis entre os modelos. No enquadramento das abordagens formalistas estão a *Gramática de Construções de Berkeley* e a *Gramática de Construções Baseada-em-Signos*. As que compõem a perspectiva teórica funcional-cognitiva são a *Gramática de Construções Cognitiva*, a *Gramática de Construções Corporificada*, a *Gramática de Construções Fluida*, a *Gramática de Construções Radical*, a *Gramática Cognitiva*.

A fim de estabelecer distinções entre esses modelos da GC, Pinheiro *et al* (2023, p. 06) aventa dois questionamentos fundamentais para compreensão: *o modelo em questão admite a existência de construções sem polo do significado (isto é, construções defectivas)? O modelo em questão admite a possibilidade de representação construcional redundante?* Pinheiro *et al* (2023, p. 06) comenta, também, quais modelos admitem construções defectivas ou representação construcional redundante:

Quadro 2: Diferenças entre as abordagens construcionais

	Abordagens formalistas	Abordagens funcional-cognitivistas
Admite-se construções sem polo do significado (isto é, construções defectivas)?	SIM	NÃO
Admite-se a possibilidade de representação construcional redundante?	NÃO	SIM

Fonte: Pinheiro *et al* (2023, p. 06)

Sob a ótica formalista, entende-se por construções defectivas aquelas que não têm um polo de significado. Com efeito, os pesquisadores dessa vertente admitem a possibilidade de haver construções que não tenham significado analisável. Essa vertente procura explicar apenas

as propriedades formais da estrutura da língua, não havendo uma preocupação com os significados representados pelas construções. Em conformidade com o exposto por Pinheiro *et al* (2023, p. 06), o entendimento sobre a defectividade da construção, à luz da abordagem formalista, perpassa, ainda, a noção da arbitrariedade ou da motivação da forma gramatical.

Contudo, a abordagem funcional-cognitiva, por considerar que todas as construções devem incluir e compartilhar informações semântico-paradigmáticas (que pode unir uma construção a outra) unidas às especificações formais e buscar os significados das construções através de associações genéricas ou abstratas, desconsideram as construções defectivas. Essa não consideração da defectividade construcional pela vertente funcionalista, conforme salienta Goldberg (2006), pode ser melhor compreendida quando tomamos como exemplo o processo de *categorização*, ou seja, uma construção geral que integra várias outras por semelhança na rede de construções que, posto que não compartilhem aspectos funcionais, estão conectados por outras propriedades (fonológica, morfossintática).

Outra explicação dada pela abordagem funcionalista para a não defectividade das construções é a ideia de *significado e conceptualização*. O primeiro é aquilo representado (seja falado, seja escrito), o segundo é a imagem mental focalizada a partir do que foi representado. Os funcionalistas, para estabelecer integrações em rede, propõem um foco na *conceptualização* através de generalizações, buscando significados esquemáticos e não no que está representado formalmente.

Na tentativa de responder se há possibilidade de uma representação construcional redundante, a vertente funcional-cognitivista salienta a importância do reconhecimento da experiência do falante, isto é, o uso como licenciador de enunciados representativos (Pinheiro *et al*, 2023 p. 07). Além disso, a compreensão de redundância está intimamente atrelada à percepção de que montamos construções a partir de um repertório armazenado, pronto e definido e, quando o falante, nas diversas situações de uso, produz infinitas construções, ele se apropria de um repertório linguístico limitado que lhe permite fazer integrações e produzir enunciados diversos, entre eles as sentenças licenciadas pelo sistema SVO.

Um exemplo de representação construcional redundante é a construção “*o homem é racional*”. Para montar essa estrutura, o falante não precisa encaixar o sujeito e encaixar com o verbo, ele tem essa construção pronta e armazenada em seu conhecimento gramatical com o polo forma-significado representado de maneira composicional (literal) e, obrigatoriamente, essa construção foi experienciada por ele anteriormente. Por outro lado, a construção “*Deus ajuda quem cedo madruga*” não é redundante, já que, embora obedeça ao sistema SVO e seja

uma estrutura experienciada, seu significado não é composicional, isto é literal, e sim denota “o esforço na vida é recompensado”, que não é acessado pela estrutura formal, apenas.

Importa chamar a atenção que esse sentido é capturado por meio de abstrações que estão associadas ao conhecimento (espacial, cultural) particular da língua. Dessa forma, ao considerar a representação redundante, a vertente funcional objetiva salienta que montamos construções a partir de um repertório subjacente, pronto, definido e motivado pela situação de uso. A próxima subseção tratará, de maneira verticalizada, como a estrutura mental subjacente e o uso linguístico impactam na representação construcional do falante.

3.3 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO: PRINCÍPIOS TEÓRICOS

O modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), cujos aspectos gerais foram mencionados anteriormente, contempla um grupo de vertentes construcionais que tem em comum o alinhamento à tradição funcional-cognitiva e postula que o conhecimento do falante depende do funcionamento da sua cognição e da sua experiência linguística: *a Gramática de Construções Cognitiva, a Gramática de Construções Corporificada, a Gramática de Construções Fluida, a Gramática de Construções Radical, a Gramática Cognitiva.*

Conforme Pinheiro *et al* (2023), esses modelos da GCBU fazem parte do mesmo enquadramento teórico, pois compartilham princípios básicos: *o conhecimento linguístico é um inventário de construções interconectadas e passíveis de serem combinadas entre si; a rede construcional é moldada pela experiência linguística do falante; e o conhecimento linguístico é governado pelos mesmos processos cognitivos operantes na cognição não linguística.* Nesta seção, propõe-se a apresentar e discutir as perspectivas apresentadas por Goldberg (2006), Bybee (2016 [2010]) e (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]) as quais contribuem como bases teórico-metodológicas desta dissertação.

Salienta-se que, para evidenciar os princípios básicos da GCBU e por entender que essas perspectivas teóricas se complementam, detalharemos cada modelo, porém esta pesquisa seguirá, principalmente, o modelo teórico apresentado por Goldberg (2006).

3.3.1 A perspectiva de Goldberg (2006)

Em consonância com o mencionado, a GC surge, nos anos 1980, para dar tratamento às construções idiomáticas que eram desprezadas na análise gerativista, dominante à época, por precisar fazer um recorte em seu objeto de pesquisa. Nos anos 1990, expande-se o viés de análise o qual defende que as construções licenciadas pelo uso lançam luz para aspectos mais gerais e podem demonstrar o que é necessário para uma explicação completa da linguagem. O trabalho de Goldberg (1995, 2006) aponta que o modelo pode tratar tanto de construções excepcionais como de regulares. Segundo essa base teórica, as construções são essenciais tanto para dar conta de padrões complexos, quanto para dar conta de padrões básicos, pois defende que o falante tem não somente conhecimento da língua em expressões particulares, como também o conhecimento generalizado sobre ela.

Ademais, a perspectiva apresentada por Goldberg (2006) não apenas considera essencial ver a língua como um sistema cognitivo (mental), como foi responsável por fixar uma noção de construção. Consoante essa autora, “Construções são pareamentos armazenados de forma e função, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões linguísticos gerais, parcial ou completamente preenchidos lexicalmente” (Goldberg, 2006, p. 191). Entende-se forma como a estrutura fonológica, morfológica e sintática. A função, por sua vez, corresponde aos níveis semânticos, pragmáticos e discursivos da estrutura da língua.

Para melhor compreender a abordagem proposta por Goldberg (2006), salienta-se que essa perspectiva é estruturada a partir de princípios básicos que são compartilhados pela maioria das vertentes construcionistas. Vejamos:

(i) Entende-se que todos os níveis de descrição envolvem pareamentos entre forma e função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas e padrões frasais abstratos e completa ou parcialmente preenchidos lexicalmente. (ii) Enfatizam-se aspectos sutis da forma como concebemos eventos e estados de coisas. (iii) Uma abordagem do tipo “o que você vê é o que você ganha” para a forma sintática é adotada: não são postulados nenhum nível subjacente de sintaxe ou quaisquer elementos fonologicamente vazios. (iv) Entende-se que construções são aprendidas a partir do input e de mecanismos cognitivos gerais (ou seja, são construídas). Além disso, espera-se que variem translinguisticamente. (v) Generalizações translinguísticas são explicadas pelas restrições cognitivas gerais juntamente com as funções das construções envolvidas. (vi) Generalizações específicas de uma língua em construções são capturadas via redes de sucessão tal como aquelas que foram postuladas para apreender nosso conhecimento não linguístico. (vii) A totalidade do nosso conhecimento sobre a linguagem é apreendida por uma rede de construções: uma “construct-i-con”. (Goldberg, 2006, p. 190-191)

Através da noção de que a língua é estruturada pelo pareamento forma-significado, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões linguísticos gerais, parcial ou completamente preenchidos lexicalmente e de seus princípios básicos, Goldberg (2006, p. 191)

apresenta a seguinte tabela, a fim de tecer considerações sobre o que percebe como sendo uma construção:

Quadro 3: As construções linguísticas

Construção	Forma/exemplo	Função
Morfema	por exemplo. anti-, pré-, -ing	
Palavra	por exemplo. Abacate, árvore e	
Palavra complexa	por exemplo. Demolidor, vá em frente	
Expressão idiomática (completa)	por exemplo, Deus ajuda quem cedo madruga	
Expressão idiomática (parcial)	Por exemplo, foi de (americanas, princesa etc.)	
Construção covariação condicional	quanto mais você pensa sobre isso, menos você entende	Significado: variáveis dependentes e independentes ligadas
Construção bi-transitiva (objeto duplo)	Ele deu a ela uma coca	Significado: transferência (pretendida ou real)
Passiva	O cachorro foi atingido por um carro	Função discursiva: Tornar o sujeito-passivo central e o agente não-central.

Fonte: adaptada Goldberg (2006, p. 191, tradução própria)

Pode-se depreender que qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção, desde que apresente uma forma e um significado atrelados a ele (Goldberg, 2006, p. 191-192). Nota-se que a construção abrange desde um morfema, uma estrutura simples, como as palavras abacate, árvore, até mesmo estruturas sintáticas complexas como as construções passivas. Ressalta-se, também, que a frequência de uso é relevante para definir padrões armazenados, uma vez que ela indica que a construção está sendo experienciada e faz parte do conhecimento linguístico do falante.

Com isso, outra ponderação feita por Goldberg (2006) é a representação do significado e o que pode influenciar a sua interpretação. A fim de exemplificar, a pesquisadora traz como um exemplo as estruturas licenciadas pelo verbo *dar*. Esse item lexical, normalmente, indica três argumentos (o agente e seus dois objetos) e o significado é depreendido a partir dele assim como ocorre com a maioria dos outros verbos:

(i) *Chris gave Pat a ball.*

(Cris deu uma bola a Pat)

Nessa construção em (i), “Cris deu uma bola a Pat”, conseguimos observar o significado composicional atrelado à sua estrutura, em que o elemento gramatical *dar* é central na decodificação do significado da estrutura. Mas cabe chamar a atenção que os verbos podem aparecer com uma grande variedade de configurações complementares e outros significados podem ser licenciados através de generalizações. Ao usar a construção “*ele deu uma de esperto*”, a interpretação composicional atrelada ao verbo se perde e seu sentido só é possível por meio de generalizações e a interpretação de alguém *trapaceiro* é acessada. Com efeito, pode-se dizer não somente que o significado de uma construção é moldado pelo uso e pelo contexto o qual ele é experienciado, como o conhecimento linguístico é emergente, baseado na experiência e moldado pela cognição e pela interação com o mundo.

Importa salientar, ainda, que a estrutura formal tem papel importante na compreensão da construção e “[...] não precisa especificar uma ordem particular de palavras, nem mesmo categorias gramaticais particulares, embora haja construções que de fato especificam essas funções” (Goldberg, 2006, p. 196). A pesquisadora pondera que a exigência de haver compatibilidade gramatical entre os itens linguísticos envolvidos não deve ser desconsiderada, visto que uma expressão real ou *construto* envolve a integração de várias construções diferentes que são licenciadas pela compatibilidade gramatical.

Para responder ao quarto princípio, Goldberg (2006, p. 196) ressalta que as construções para serem aprendidas necessitam de um input positivo e variam entre línguas. Esse princípio ajuda a diferenciar a maioria das abordagens construcionais e a maioria das vertentes gerativistas, uma vez que essas postulam que a aprendizagem de uma língua se dá por meio de uma gramática universal. A vertente construcional baseada no uso defende que há uma gama de construções semi-idiossincráticas em todas as línguas que não podem ser explicadas por princípios universais. Para Goldberg (2006), a abordagem construcional deve se centrar,

também, nessas construções que são “periféricas” para os estudos gerativistas, pois elas ajudam a acessar todo o conhecimento linguístico disponível em dada língua.

A respeito do princípio em (v), as generalizações translinguísticas permitem dar explicações sobre a língua sem, necessariamente, ter como foco principal os aspectos ligados à sua gramática. Muitos fatos relacionados à língua podem ser explicados por mecanismos cognitivos gerais (Goldberg, 2006, p. 198). A possibilidade de existirem substantivos, verbos e, provavelmente, adjetivos em todas as línguas, à luz da perspectiva defendida por Goldberg (2006), talvez possa ser explicado pela existência de categorias semânticas básicas correspondentes.

O entendimento das generalizações intralinguísticas perpassa a noção de que há hierarquias de hereditariedade no conhecimento de conceitos atrelados à língua. Quando usamos construções a partir do sistema SVO, podemos ter uma estrutura maior (sujeito-predicado), mais geral e, por meio dela, integrações podem ser feitas. Observemos:

(i) Pedro é dedicado

(ii) Pedro entregou o trabalho ao professor

(iii) Pedro entregou tudo na festa, ontem

Na estrutura em (i), observa-se uma construção geral, visto que pode ser licenciado qualquer tipo de predicado (verbal, nominal ou verbo-nominal), e, a partir dessa flexibilidade estrutural, pode-se fazer novas integrações. Na construção em (ii), nota-se a estrutura sujeito-predicado, porém mais específica que a construção em (i), já que há a necessidade da integração de dois argumentos internos e seu significado é composicional, diferentemente da estrutura em (iii), mais específica, pois apresenta um significado idiomático, acessado pelo conhecimento particular da língua (Pedro se divertiu, Pedro se expôs), capturado pela generalização intralinguística.

Portanto, através da integração de elementos gramaticais e das generalizações, outros significados são captados pelas construções que são herdadas por muitas outras construções. Com isso, pode-se dizer que a totalidade do nosso conhecimento sobre a linguagem é apreendida por uma rede de construções: uma “construct-i-con”. uma vez que se considera que o pareamento forma-significado abrange uma totalidade linguística armazenada na cognição e experienciada pelo falante.

3.3.2 A perspectiva de Bybee (2016 [2010])

Na perspectiva defendida por Bybee (2016), observamos que os fenômenos estruturais que compõem a gramática das línguas naturais podem ser derivados de processos cognitivos, pois eles operam em múltiplos casos do uso da língua. Além disso, por entender que a língua é vista como um produto emergente da aplicação repetida de processos subjacentes, Bybee (2016, p. 18) se refere à língua como um sistema adaptativo e complexo, passível de variação e de mudança devido ao uso do falante. E a variação e a mudança são conduzidas pela *gradiência*, isto é, muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, em função que a mudança ocorre no tempo de modo gradual, em que um elemento categorial é movido a outra categoria ao longo de um continuum gradativo.

Para melhor compreender essa proposta, Bybee (2016, p. 19) discute como a *gradiência* e a variação são representadas na estrutura da língua. Ela apresenta como as unidades mórficas sofrem variação no sistema linguístico. Embora alguns morfemas apresentam regularidades em seu significado, como, no inglês, a unidade lexical *happy* (*feliz*), outros morfemas apresentam variação funcional e na sua natureza, dependendo do elemento que se integra a ele. Bybee (2016, p. 19) traz como exemplo o morfema lexical simples *go* (*ir*) que, ao se conectar com outros elementos, apresenta variação: *go ahead* (*seguir adiante*) e *go wrong* (*dar errado*).

A linguista chama a atenção que os morfemas ocupam posições particulares nas construções gramaticais. Ademais, Bybee (2016) salienta que a variação e a *gradiência* na categoria mórfica é resultado direto dos processos de mudança que afetam e moldam suas propriedades de forma e significado. A linguista estadunidense pondera que os processos de variação e mudança que envolvem a língua são afetados pelo uso e pelo impacto da experiência no sistema cognitivo do falante. Para verticalizar sua discussão, Bybee (2016, p. 24) apresenta casos de construções que variam na estrutura da língua inglesa.

Como exemplo, ela traz as construções *I don't know* (*eu não sei*) e *I don't inhale* (*eu não respiro*). Não obstante apresentem similaridades (pronomes de primeira pessoa do singular, seguida pela forma negativa do verbo auxiliar *do* e um verbo principal não marcado), elas apresentam diferenças fonéticas. A oclusiva inicial de *don't* se torna no *flap* e o [t] final é geralmente suprimido em ambos casos. Com efeito, ela comenta que [...] “se a língua fosse uma estrutura mental fixa, ela talvez tivesse categorias discretas; mas já que ela é uma estrutura mental que está em constante uso e é filtrada pelas atividades de processamento que a

modificam, há variação e gradação” (Bybee, 2016, p. 25). Pois, a linguagem representa uma das formas mais complexas e sistemáticas do comportamento humano.

No trabalho de Bybee (2016), também, há discussão sobre *categorização* - similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre com palavras e sintagmas associados a representação estocada - e *chunking* (*agrupamentos*) - processos de sequência de unidades que se combinam para formar unidades mais complexas, entre elas, as construções. E é o agrupamento de itens da mesma natureza que ocorrem juntos na experiência do falante, transformando-os em outras unidades. O *chunking* é um processo fundamental para nossa memória de curto prazo, pois esses agrupamentos nos ajudam a armazenar um grande número de construções em nosso sistema mental, aumentando a capacidade da nossa memória de trabalho.

Bybee (2016, p. 26) chama a atenção de que é a integração de *categorização* e *chunking* que dá sequências convencionais graus variados de similaridade e composicionalidade, mas também salienta que a estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, desde detalhes fonéticos até mesmo enunciados mais complexos, integra nossa *memória enriquecida*, que é a base do nosso desempenho linguístico.

Outra discussão levantada por Bybee (2016, p. 27) é de que a experiência com a língua tem um impacto nas representações cognitivas, assim como as memórias não linguísticas. A integração de novos enunciados a uma determinada língua perpassa o processo de *analogia* (criação de novos enunciados a partir de enunciados prévios), por meio de estruturas armazenadas a partir de experiências prévias. O sentido desses enunciados é associado a maior sequência disponível, seja uma palavra, um sintagma, seja uma construção, em que o contexto tem relevante impacto na expressão do significado.

Sob a perspectiva de Bybee (2016), a GCBU é pensada como uma organização cognitiva de experiências com a língua. Para ela, a construção também é percebida como o pareamento entre forma e significado com posições fixas e abertas (construção passiva, construção bitransitiva, construções idiomáticas etc). Além disso, Bybee comenta que

Como as construções compartilham forma e significado, a gramática não contém módulos para a sintaxe separados da semântica, nem opera com histórias derivacionais de forma de superfície. Até mesmo a fonologia pode ser diretamente representada na construção em casos de redução fonológica especial que ocorrem em construções específicas. Os níveis de abstração encontrados na Gramática Baseada no Uso são construídos via categorização de exemplares similares de uso em representações mais abstratas (Bybee, 2016, p. 29).

Infere-se que a proposta de Bybee (2016) percebe os aspectos formais integrados aos aspectos de significado, não os analisando em enquadramentos separados, mas sim integrados, na tentativa de representar o conhecimento linguístico do falante. As construções, sob essa perspectiva, muitas vezes, representam estruturas emergentes no processo gradual de mudança da língua, em que a sincronia e a diacronia têm um papel preponderante, pois

A mudança linguística não é apenas um fenômeno periférico que pode ser incluído em uma teoria sincrônica; sincronia e diacronia precisam ser vistas como um todo integrado. A mudança é uma janela para representações cognitivas e um criador de padrões linguísticos (Bybee, 2016, p. 167).

Com efeito, nota-se que as construções usadas em um recorte temporal ou em um conjunto de sincronias revelam como o fenômeno da mudança começou e se estabilizou, mas também como essa diferença no padrão de uso pode representar a estrutura cognitiva do falante.

Sob a perspectiva de Bybee (2016, p. 168-170), ainda, é possível destacar que um dos fenômenos cognitivos que possibilita a mudança linguística e dá pistas de processos cognitivos operados pelo falante é a *gramaticalização* - processo pelo qual itens ou sequência de itens lexicais se tornam um morfema gramatical, mudando sua distribuição e função no processo - e o uso tem função crucial para ocorrência dessa mudança. A *gramaticalização* é resultado de processos concorrentes que são consolidados na experiência linguística do falante e responsável por criar novas construções na língua, com base em uma construção existente. Esse fenômeno de mudança de cunho cognitivo pode se manifestar na fonética, na morfossintaxe, na semântica e na pragmática.

Como exemplo, Bybee (2016, p. 169) traz estruturas do inglês: *going to* (vou) se gramaticaliza e gerou a construção *I'm going to help you* (eu vou ajudar você), assim como ocorreu no português brasileiro. Com isso, a construção verbal com o verbo ir perdeu seu significado inicial de finalidade, deslocamento e, com a *gramaticalização*, o item lexical passou a compor construções com o significado de futuridadade. Então, de acordo com a perspectiva defendida por Bybee (2016), percebe-se que a gramática de uma língua está sempre se modificando através do processo natural de uso, como também expõe nossa experiência cognitiva geral e específica através das construções.

3.3.3 A perspectiva de Traugott e Trousdale (2021 [2013])

No importante estudo apresentado por Traugott e Trousdale (2021 [2013]), por meio de uma perspectiva sincrônica, há o objetivo de refletir e explicar como a mudança construcional, entendida como unidade simbólica convencional, ocorre no sistema linguístico de uma língua. Os pesquisadores entendem por construção o pareamento forma-significado, em consonância com o termo fixado por Goldberg (2006). Além disso, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) comentam que

As construções são convencionais porque são compartilhadas por um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades porque alguns aspectos do signo são tão idiossincráticos (Goldemberg, 1995) ou tão frequentes (Goldemberg, 2006) que o signo é fixado como um pareamento forma-significado na mente do usuário da língua (Traugott; Trousdale, 2021, p. 25).

Com base nesse panorama, as representações construcionais de uma língua revelam, não somente aspectos da experiência linguística do falante, como também permitem observar como sua estrutura mental é requisito indispensável para o uso linguístico. Vale ressaltar, também, que os tipos de mudança analisados por Traugott e Trousdale (2021 [2013]) são a mudança que afeta as características de uma construção existente e, a partir dela, ocorre a criação de outro pareamento forma-significado, o qual chamam de *construcionalização*. Para observar essas mudanças, esta perspectiva é orientada por três pressupostos teóricos:

O primeiro é que, ainda que certas propriedades gramaticais, tais como redes, organização hierárquica e herança, possam ser universais e compartilhadas com outros sistemas cognitivos, a gramática em si, entendida como conhecimento de um sistema linguístico, é específica à língua, ou seja, está vinculada a estrutura de uma língua individual, como o inglês, o árabe ou o japonês. O segundo pressuposto é que a mudança é mudança no uso, e que o *locus* da mudança é o *construto*, uma instância de uso. O terceiro, distinguimos mudança de inovação, inovação como característica de uma mente individual, é apenas um potencial para a mudança (Traugott; Trousdale, 2021, p. 26)

Com esses pressupostos, há o entendimento de que a gramática de uma língua é particular a ela e apresenta a natureza da sua estrutura. Ademais, percebe-se que o *construto* é a concretização da língua em uso em seus diversos níveis (oral e escrito), como também se salienta que a mudança linguística tem como representação inicial uma construção inovadora que passa a concorrer com uma existente, experienciada e armazenada na cognição do falante.

Como já mencionado, Traugott e Trousdale (2021) buscam explicar como a mudança construcional ocorre em dado sistema linguístico, através da análise de construções ou pareamento da forma (fonologia, morfologia e sintaxe) e do significado (semântica, pragmática e discurso). A partir desse entendimento sobre construção, pode-se dizer que a totalidade do conhecimento linguístico pode ser representada pela convencional metáfora da “rede”

empregada por Goldberg (2003). Traugott e Trousdale (2021, p. 37) aventam dois princípios que ajudam a entender a representação da integração forma-significado: (i) *o pareamento de estruturas e o significado complexo e (ii) a associação desse pareamento em uma rede.*

A perspectiva de Traugott e Trousdale (2021, p. 38) percebe a “rede” construcional que envolve a língua, não apenas como uma “rede” cognitiva, como também não restrita ao léxico e essa “rede” é dinâmica, porquanto novos nós e elos são estabelecidos continuamente. Observemos:

Figura 1 -Rede construcional

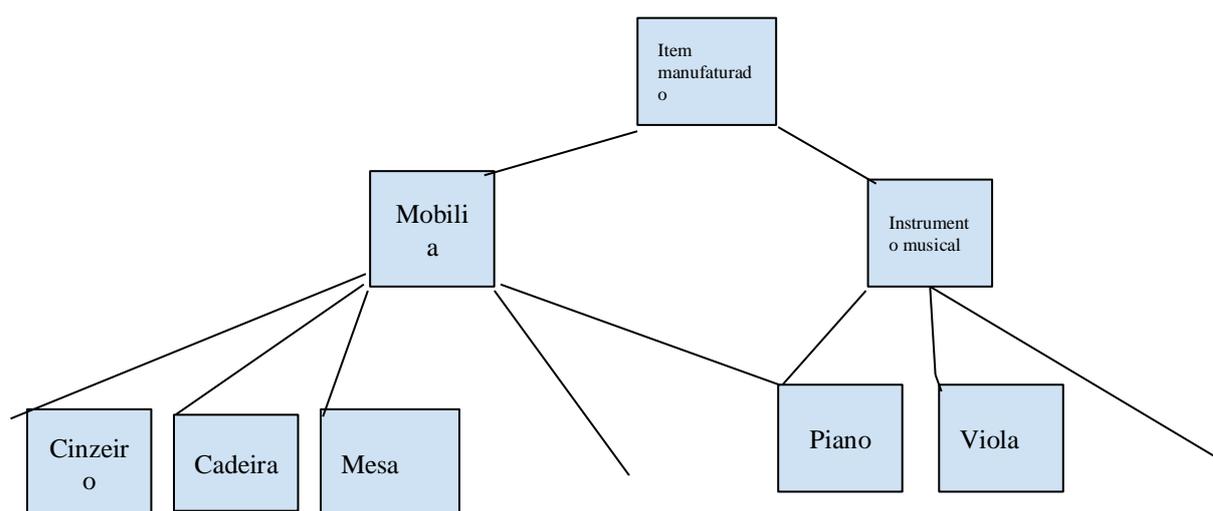


Figura 1: rede construcional. **Fonte:** adaptada de Traugott; Trousdale (2021, p. 39)

A “rede” pode ser percebida, pois a construção *item manufaturado* integra os itens *mobília e instrumento musical*, que, por sua vez, integram, respectivamente, aos itens *cinzeiro, cadeira, mesa e piano e viola*, Podendo ser integrados outros elementos aos itens dispostos de maneira contínua, formando uma “rede” de construções. Salienta-se, ainda, que, de acordo com o modelo teórico defendido por Traugott e Trousdale (2021), a frequência das construções não é considerada um fator determinante para a análise, visto que ela não é suficientemente operacionalizável.

No que tange às dimensões das construções, Traugott e Trousdale (2021) chamam a atenção para três representações: *a dimensão de tamanho, especificidade e de tipo.* A respeito da dimensão de tamanho da construção, Traugott e Trousdale (2021, p. 41) comentam que as construções podem ser *atômicas* (monomorfêmicas, por exemplo, *red/vermelho, data/dados*), *complexas* (unidades compostas de *chunks* analisáveis, por exemplo, *pull strings/mexer os*

pauzinhos ou *on top ofem/cima de*) e construções intermediárias (estão entre as atômicas e as complexas e são parcialmente analisáveis, a saber, *bonfire/fogueira*).

A dimensão da especificidade fonológica se refere a uma construção ser substantiva, esquemática ou intermediária. Entende-se por construção substantiva aquela totalmente especificada fonologicamente, como nos exemplos *red/vermelho*, *dropout/abandono*, *-s/-s* ou *may/poder*. As construções esquemáticas são abstrações realizadas pelo falante através das construções. A dimensão de tipo de conceito se refere, conforme Traugott e Trousdale (2021, p. 42), ao fato de uma construção ser de conteúdo ('lexical') ou procedural ('gramatical'), isto é, quando um conteúdo formal, compatível gramaticalmente com o que foi exigido pela construção, associa-se a categorias esquemáticas (abstratas) e denota um significado abstrato.

Importa ressaltar que essas três dimensões (tamanho, especificidade e de tipo) formam um *constructicon*, ou seja, um inventário de construções. Destaca-se que esse repertório de construções linguísticas conhecidas pelo falante pode variar no tempo e no espaço e de falante para falante e é moldado pela sua experiência. Além disso, Traugott e Trousdale (2021, p. 44) chamam a atenção para três fatores fundamentais na representação construcional em GC: *esquematicidade, produtividade e composicionalidade*.

No que se refere à *esquematicidade*, Traugott e Trousdale (2021, p. 44) salientam que é uma propriedade de categorização que fundamentalmente envolve abstração. Assim, a noção de *esquema linguístico* como sendo padrões de experiência rotinizado e fixado na cognição, ou pode ser considerado como sendo grupo abstrato, semanticamente geral de construções, quer procedurais, quer de conteúdo, é crucial para compreender essa propriedade linguística. Consoante Traugott e Trousdale (2021, p. 44-45), a *esquematicidade* envolve abstrações que perpassam o conjunto de construções que são inconscientemente percebidas pelos usuários da língua. Traugott e Trousdale (2021, p. 44-45) salientam, também, que

Graus de esquematicidade pertencem a níveis de generalidade ou especificidade e o em que partes da rede são ricas em detalhes (Langacker, 2009). Por exemplo, começando pela generalização, o conceito 'móvel' é mais abstrato e inclusivo do que o de 'cadeira', que, por sua vez, é mais abstrato do que o conceito 'poltrona'; 'nome' é mais abstrato do que 'nome contável' (Traugott; Trousdale, 2021, p. 44-45).

Aventa-se, ainda, que os esquemas linguísticos são instanciados por *subesquemas* e *microconstruções*, ou seja, tipos específicos de esquema mais abstratos Traugott; Trousdale (2021, p. 45). Como exemplo, pode-se destacar que *poltrona* é uma microconstrução do subesquema *cadeira* que é um subesquema do esquema *móvel*. Pondera-se que as *microconstruções* são instanciadas no uso por *construtos*. Acrescenta-se ao já mencionado

sobre *construtos* que são instância do uso em ocasião particular, produzidos por um falante particular com um propósito comunicativo. Para Traugott e Trousdale (2021, p. 48), os *construtos* são ricos, imbuídos de muito significado pragmático, do qual considerável parte não pode ser recuperável fora do contexto de fala particular.

Destaca-se que a mudança construcional começa quando novas associações entre *construtos* e construções surgem ao longo do tempo. Para a GCBU, o *construto* é o que o falante/escrevente produz e o que ouvintes/leitores processam e ajudam a moldar a representação mental da língua Traugott e Trousdale (2021, p. 49). Desse modo, o entendimento sobre o grau da *esquematicidade construcional* é atrelado ao contexto de uso e a experiência do usuário da língua nas diversas situações de uso linguístico.

No que se refere à *produtividade construcional*, Traugott e Trousdale (2021, p. 50) ressaltam que ela diz respeito a esquemas parciais, à sua estabilidade e ao grau que a construção é registrada na estrutura da língua. Salienta-se que a maioria dos trabalhos sobre a *produtividade* está relacionada à frequência, quer de tipo (número de diferentes expressões que um padrão particular tem), quer frequência de ocorrência (número de vezes em que a mesma unidade ocorre no texto). Traugott e Trousdale (2021, p. 51) comentam que “[...] entendemos que o ‘aumento na frequência de uso’ corresponde ao aumento da frequência do *construto*: os falantes usam, cada vez mais, instâncias da nova construção. Assim, adicionando novos nós e elos à “rede” construcional da língua.

A rotinização e automatização, ou seja, o uso repetitivo e inconsciente da construção, são fatores determinantes para compreender a *produtividade construcional*. Um exemplo interessante, no português brasileiro, é a inserção do pronome de terceira pessoa, ‘a gente’, que, devido à frequência de uso, a sua produtividade aumentou e, hoje, é predominante na modalidade oral da língua. Com efeito, nota-se que essa propriedade construcional é crucial para geração de novas construções e corrobora o entendimento de que a estrutura mental do falante, através da experiência linguística pode produzir e integrar infinitas sentenças.

A *composicionalidade* diz respeito ao grau em que o elo entre forma e significado é literal, ou seja, forma-significado podem ser compreendidos a partir da estrutura representada. Traugott e Trousdale (2021, p. 53) ressaltam, ainda, que a sintaxe pode ser considerada composicional, uma vez que constrói expressões bem formadas e complexas recursivamente, com base em construções menores. E, a semântica é composicional, porque constrói os significados de expressões maiores com base no significado de expressões menores. Além disso, Traugott e Trousdale (2021, p. 53) comentam

Se um construto é semanticamente composicional, então, contanto que o falante tenha produzido uma sequência sintaticamente convencional, e o ouvinte entende cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se o construto não é composicional, não haverá compatibilidade entre o significado de elementos individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, 2021, p. 53).

À luz desse panorama da composicionalidade, nota-se que a decodificação do significado deve estar intimamente distanciada dos aspectos idiomáticos que fazem parte de uma língua. Com isso, para compreender o significado de dada construção, deve não haver a necessidade de fazer abstrações atreladas a aspectos culturais e contextuais que envolvem determinada língua. Por exemplo, “*João chutou o pau da barraca*” é pouco composicional, porque necessita que alguns falantes acessem esquemas idiomáticos do português brasileiro, o que torna a construção *João chutou a bola* mais composicional e universalmente compreensível.

Outra importante discussão proposta por Traugott e Trousdale (2021) é como ocorre a mudança linguística, por eles referenciada como *mudança construcional*. Em consonância com essa perspectiva, a gramática de construções é uma gramática do uso. Com efeito, a mudança linguística é percebida pela interação do falante e negociada entre os falantes no curso da interação. Traugott e Trousdale (2021, p. 56) defendem, ainda, que a mudança linguística ocorre quando a língua é usada e não no processo de aquisição, e ela tem início no uso do falante em qualquer idade, não necessariamente ou principalmente na infância.

Devido às dimensões internas das construções, há inovações na estrutura da língua e, com o uso, novas construções começam a fazer parte da ‘rede construcional’ do falante. Assim, novas representações começam a fazer parte da mente do usuário, o mecanismo responsável por essa nova representação é a *reanálise* ou *neoanálise* (a modificação de um elemento da construção) Traugott; Trousdale (2021, p. 57). Em relação a *reanálise*, chama-se a atenção que ela resulta da associação inconsciente de um padrão pelos usuários da língua, convencionalmente chamado de *analogia*.

Para melhor discutir a mudança linguística, Traugott; Trousdale (2021, p. 58) verticalizam a discussão sobre a *construcionalização*: “[...] é a criação (combinação de) signos forma e significado novos. Ela forma novos tipos de nós, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes [...]”. Cabe salientar que mudanças formais independentes ou mudanças funcionais independentes não constituem *construcionalização*. De acordo com Traugott; Trousdale (2021), a

construcionalização requer a sucessão de *reanálise* em pequenos passos, o que gera uma mudança no sistema, em um dos nós de integração da “rede” linguística.

A *construcionalização* pode ser de dois tipos: gramatical e lexical. No português brasileiro, podemos citar como exemplo a mudança formal e semântica ocorrida com o verbo *ir*. No início da sua inserção no PB, era representado pela sua forma absoluta (*ir, irei, irá etc*) e tinha o significado predominante de deslocamento no espaço. Com o uso, passou a se integrar a outros verbos (*fazer, dizer, falar etc*), modificando sua forma (*agora auxiliar*) e ganhando outro significado (*futuro*), como também percebeu forma semântica, pois o significado das construções que passou a integrar (*as locuções verbais - vou fazer, irei dizer, vou falar - etc*) é norteado pelo verbo principal da estrutura.

Então, postula-se que o uso atua como licenciador da mudança construcional, em que a *construcionalização* gradual é determinante. Vale comentar que, para haver a mudança, não somente a compatibilidade gramatical é importante, como também não basta haver diferença apenas na parte formal da construção, ou apenas na parte do significado, é crucial para a ocorrência da mudança que a construção apresente uma nova forma e um novo sentido produzidos nas situações pragmáticas que envolvem a língua.

A próxima seção procura trazer considerações sobre estudos anteriores relacionados ao verbo *ter*, que estão inseridos no aporte teórico-funcional da análise linguística, a fim de observar não só quais pesquisas estão sendo desenvolvidas com esse item gramatical, como os estudos apresentados estabelecem diálogos com os dados encontrados nesta dissertação.

5 CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER* NA LÍNGUA PORTUGUESA

Para melhor compreensão dos diferentes usos realizados com o verbo *ter* no Português Brasileiro, nesta seção, apresentam-se alguns estudos que se debruçaram sobre os variados aspectos formais e funcionais que se relacionam a esse item lexical em diferentes sincronias da língua portuguesa.

5.1 ALGUNS ESTUDOS ANTERIORES RELACIONADOS AO VERBO *TER*

5.1.1 Viotti (1998)

Na pesquisa apresentada por Viotti (1998), é feita uma análise do percurso histórico dos verbos *ter* e *haver*, com o objetivo de verificar as derivações e as diferentes representações desses verbos no percurso diacrônico da língua portuguesa. No que se refere ao verbo *ter*, objeto de estudo desta investigação, destaca-se que esse elemento linguístico, no início de sua inserção na língua portuguesa, estabeleceu concorrência com o verbo *haver* e era um verbo transitivo ativo e apresentava o significado de *manter/obter* (Viotti, 1998, p. 44).

Ainda consoante Viotti (1998), quando o verbo *ter* passou a evidenciar o significado de posse, em concorrência com o verbo *haver*, ele passou a substituir o item lexical *habere* nas paráfrases com diferentes representações. Sinaliza-se que Viotti (1998) examinou textos dos séculos XIV, XV e XVI, os quais integram o *corpus diacrônico do Português*, organizado por Fernando Tarallo. Vejamos dois exemplos apresentados por Viotti (1998, p. 45) em que o verbo *ter* demonstra o significado de posse:

- (i) *Se isso tiver dinheiro que o remunere, que seja feito facilmente*
- (ii) ***Ter*** *autoridade sobre os seus.*

Em consonância com as investigações de Mattos e Silva (1989, 1996), Viotti ressalta que, no século XIV, o verbo *ter* tinha uma rede temática livre e variada, o que pode ajudar a compreender as diferentes manifestações formais e semânticas atreladas a ele. No século XV, a porcentagem de uso do verbo *ter* era quase equivalente ao verbo *haver*: cerca de 42% das sentenças que representavam a predicação possessiva eram com o verbo *ter* (Viotti, 1998, p. 46). Ainda, de acordo com Viotti (1998), no século XVI, o verbo *ter* passou a ser predominante

nessas construções, porquanto representava 86% das sentenças. Viotti (1998, p. 46) destaca algumas sentenças:

(i) *Antre esta coroa darea e esta ilha **tem** canal pera poder sahir. MNS 314.2*

(ii) *Dentro **tem** um ylheo emcostado ao lado de leste. MNS 324.6*

(iii) *Para cima **tendo** dous bons canais hum aloeste e outro ao leste. MNS 324.9*

(iv) *Na sua ponta da banda do sua **tem** hua terra alta. MNS 326.19*

Além disso, ao verificar o percurso histórico do verbo *ter*, no português, à luz dos estudos de Naro e Braga (2000), constata-se que esse verbo passou pelo processo de gramaticalização. Esse elemento linguístico passou a indicar não apenas posse, como também marca tempo pretérito. Importa dizer ainda que, na história do português brasileiro, o verbo *ter* estabeleceu intensa concorrência com o verbo *haver* como auxiliar perifrástico (*tem falado, tinha comprado, tinha feito* etc.) e, atualmente, tem maior frequência na língua falada e em considerável porcentagem dos textos de escrita formal e pouco monitorados.

–5.1.2 Pinheiro (2009)

No importante estudo apresentado por Pinheiro (2009), propõe-se a discutir a polissemia relacionada ao verbo *ter* no PB contemporâneo. O autor pondera que os sentidos instanciados por esse elemento lexical são referentes a uma rede de sentidos inter-relacionados (Pinheiro, 2009, p. 67). A fim de demonstrar os usos e sentidos relacionados ao verbo *ter*, Pinheiro (2009), à luz da perspectiva cognitivista dos estudos linguísticos, sintetiza os dados observados e relevantes para sua investigação:

Quadro 4: Alguns resultados com o verbo *ter*

Dois argumentos	Locativo	Concreto Abstrato	Só tem um shopping na minha cidade. Tem uma falha na sua argumentação.
-----------------	----------	----------------------	---

	Possessivo	Continência concreta Continência abstrata Propriedade Relação interpessoal Parte-todo Experiência	Minha cidade só tem um shopping. Sua argumentação tem uma falha. João tem dois carros. Ele tem duas irmãs Ela tem um nariz bonito. Tenho saudades da minha infância
Três Argumentos	Possessivo-locativo	Concreto Abstrato	Ele deve ter uns mil livros naquela biblioteca. Ele teve poucas oportunidades na vida.
	Qualificativo		Lula tem Sarney como um aliado

Quadro 3: Pinheiro (2009, p. 76, adaptada)

Através desse panorama geral do quadro semântico instanciado pelo verbo *ter*, pode-se destacar quatro sentidos principais e cada um desses significados está associado a uma representação sintática. Pinheiro (2009) salienta que os sentidos percebidos nas construções com o elemento lexical é *locativo*, *possessivo*, *possessivo-locativo* e *qualitativo* concreto ou abstrato. O significado licenciado pela definição *locativa* está associado ao sentido existencial, papel mais comum desempenhado por esse verbo. O significado *possessivo* inclui um conjunto quase inesgotável de denominações - *continência*, *propriedade*, *relação interpessoal*, *inclusão*, *parte-todo etc* -, (Pinheiro, 2009, p. 77). As acepções *possessivo-locativo* e *qualificativa* são referenciadas por ele da seguinte forma:

O *ter* triargumental, por sua vez, aparece com duas acepções fundamentais: o sentido possessivo-locativo e o qualificativo. Trata-se de construções gramaticais distintas: no primeiro caso, o terceiro argumento tem relação oblíqua; no segundo, tem relação predicativa. Note ainda que o possessivo-locativo, analogamente ao possessivo

biargumental, pode exprimir continência em um domínio concreto ou abstrato. (Pinheiro, 2009, p. 77).

A proposta de Pinheiro (2009) expõe, ainda, que esses usos com o verbo *ter* desempenham papéis metafóricos ontológicos de contêiner os quais estão relacionados à teoria de Johnson (1987), em que se pode observar, por meio do exemplo *minha cidade só tem um shopping*, o verbo *ter* atribui ao fragmento “um shopping” o significado de algo contido no fragmento “minha cidade”. Então, os significados licenciados por esse item lexical devem ter como parâmetro, também, níveis mais elevados de generalização como os associados a usos metafóricos.

5.1.3 Peixoto (2012)

No trabalho realizado por Peixoto (2012) sobre os usos do verbo *ter*, no PB, entre os séculos XVI e XX, observa-se que as acepções do verbo *ter* perpassam a noção de que esse item lexical apresenta uma polissemia cuja motivação seriam processos, produção e expressão cognitivas. No século XVI, o verbo *ter* aparece como pleno (16%) ou auxiliar (84%) com significado de posse concreta, abstrata e existencial, ao estabelecer uma relação com o possuidor e coisa possuída (Peixoto, 2012, p. 118), respectivamente:

(i) Dias passados e não **ter** recado seu, estava o padre suspenso no que lhe teria acontecido (1560/1580, Frois:Japam).(ii) Todos os Padres e irmãos de nossa companhia **tinham** uma grande modéstia (1599, Lucena:LSXavier). (iii) E em cem léguas da Bahia, que lhe fica ao sul. **Tem** uma formosa igreja matriz de três naves, com muitas capelas ao redor (1590, Cardim-relação). (Peixoto, 2012, p. 118).

Em (i), posto que o substantivo *recado* não seja uma categoria imediatamente reconhecida como concreta, sua manifestação pode ser concretizada em cartas, telegramas, livros etc, conforme enfatiza Peixoto (2012). Na estrutura em (ii), em que o verbo *ter* aparece indicando uma posse abstrata, já que a coisa possuída, *modéstia*, sinaliza essa concepção. Por fim, na construção em (iii), nota-se o verbo *ter* com o significado de existir.

A respeito dos resultados apresentados sobre as manifestações do item lexical *ter*, no século XVII, Peixoto (2012, p. 125) destaca usos como verbo pleno (15%) e, principalmente,

como verbo auxiliar (85%). Quanto ao significado, ressalta-se a significação de posse abstrata e posse humana. Observemos o exemplo a respeito da posse humana (Peixoto, 2012, p. 126):

(iv) *Houve no brucado de brabancia um senhor de título, que **tinha** um filho bastardo de mui perversos, e depravados costumes (1630, Andrade-Casamento)*

No exemplo em (iv), Peixoto (2012, p. 126), destaca que não se pode reconhecer como uma posse concreta, porque o ser humano, representado por *um filho* não pode ser efetivamente possuído. Os dados apresentados sobre o século XVIII e XIX revelam que os usos instanciados pelo verbo *ter* apresentaram equivalência aos resultados descritos acerca do século XVII. No material referente ao século XX, aventa-se que os resultados alcançados são os mesmos das sincronias anteriores, em que o verbo *ter* aparece como verbo pleno e auxiliar com significado de posse concreta, posse abstrata e posse humana.

5.1.4 Vieira (2017)

No trabalho de Vieira (2017, p. 59), é salientado que os usos com o verbo *ter* se manifestam por locuções verbais, combinadas com as diversas formas de um verbo auxiliar e que apresenta papéis semânticos diferentes ao de posse. Ademais, em relação ao verbo *ter*, a gramática tradicional o apresenta como indicativo de posse ou auxiliar (Vieira, 2017, p. 55). A autora aponta que

A gramática tradicional apresenta que o verbo *ter* se posiciona em apenas alguns tipos sintáticos e semânticos, constituídos a partir do sentido de posse e/ou auxiliar de um verbo principal. No entanto, percebemos que determinadas construções com *Ter* revelam os mais diversos usos tanto na fala quanto na escrita (Vieira, 2017, P. 08).

Ainda conforme as investigações de Vieira (2017), verificou-se a frequência de uso das construções com o verbo *ter* tanto na escrita, quanto na fala. Cabe ressaltar que o *corpus* de análise foi os dados coletados pelo Grupo de Estudo Discurso e Gramática da Universidade Federais Fluminense, do Rio Grande do Norte e do Rio de Janeiro (D&G, UFF/UFRN/UFRJ)). Numa perspectiva quantitativa, Vieira (2017, p. 80) identificou 28 usos diferentes, a nível formal, na modalidade oral e escrita da língua. Entre esses usos, destacam-se os seguintes registros: *tem, tinha, ter, teve, tenho, tinham, tivesse, tiver, teria, temos, tendo, tenham, tiveram,*

tinhamos, terem, terá, tivessem etc. Importa destacar, também, que das 2.700 ocorrências, 90% dos registros foram da modalidade oral e 10% na modalidade escrita.

No que tange ao significado das construções com *ter*, foram identificadas 1.259 ocorrências com o sentido de existir/haver na fala e 119 na escrita (menor frequência), em que os dados quantificados totalizaram 2.520 construções, em que outros aspectos de significado foram percebidos: *possuir/possuidor/possuido, auxiliar, sentir/sofrer, fazer, ir, estar, ser, obrigatoriedade, selecionar e medir/idade/quantidade*, respectivamente em frequência de uso. Os significados de *ir, estar e selecionar* não foram registrados na modalidade escrita (Vieira, 2017, p. 84). Salienta-se, ainda, que a prototipicidade relacionada ao verbo *ter* está instanciada a significação de existir (Vieira, 2017, p. 103).

A partir disso, ao analisar os documentos escritos por redatores inábeis, em consonância com a abordagem construcional da gramática, observou-se a ocorrência de alteração a nível formal e funcional nas estruturas que integram o verbo *ter*. É preciso salientar que, não obstante as construções com esse item lexical sejam tema recorrente em pesquisas da área de morfossintaxe em diversas perspectivas teórico-metodológicas, incluindo a Gramática de Construções, entretanto, não se sabe, ainda, o que pode ser dito em relação aos usos feitos por inábeis: os usos feitos por inábeis são diferentes daqueles feitos por hábeis no mesmo período?

5.1.5 Costa (2018)

Outro importante estudo sobre aspectos funcionais relacionados ao verbo *ter* foi apresentado por Costa (2018). Esse trabalho teve como objetivo investigar, por meio de textos escritos e orais do século XX-XXI, quais significados estão atrelados aos verbos *existir, haver* e *ter*. No que se refere ao verbo *ter*, na pesquisa de Costa (2018), constata-se que há maior recorrência na modalidade oral da língua (89,88%): “esse fato se deve às várias possibilidades semânticas em que os verbos ou outros itens lexicais podem adquirir na fala, que é uma forma de comunicação mais flexível e suscetível a variações” (Costa, 2018, p. 84). Destaca-se que essa flexibilidade é mais restrita na escrita, uma vez que o monitoramento da norma-padrão tem maior imposição.

É preciso salientar, ainda, que os dados investigados por Costa (2018) também fazem parte do *corpus* Discurso e Gramática (UFF/UFRN/UFRJ), assim como os de Vieira (2017). Por isso, os usos formais instanciados pelo verbo *ter* analisados por Costa (2018) foram semelhantes aos apresentados por Vieira (2017): *tem, tinha, tenho, tivesse, tenho, têm, tive, tiver, temos,*

teria, tendo, tivemos, tiveram, tínhamos etc. As formas *terão e teremos*, ambas no futuro do presente do indicativo, usadas pelo mesmo informante de curso superior, no mesmo gênero textual, relato de opinião, apareceram em menor frequência. Em relação a aspectos de significado, a pesquisadora comenta resultados expostos por Borba (2011), para justificar a semelhança dos resultados encontrados por ela:

Borba (2011) apresenta vinte e quatro semânticas que o “Ter” pode apresentar, que são os seguintes: sentido de possuir; exercer; abrigar; estar bom; sentir; ser portador de, ser acometido de; fazer; receber; adotar; realizar; efetuar; estar munido de demonstrar; trazer consigo; passar por, experimentar; ser constituído por, conter; indica medida ou quantidade num conjunto; estar com, apresentar; apresentar como característica herdada; obter, mediante pagamento; manter-se, sustentar-se; considerar, julgar; existir, haver; em relação a tempo, indica tempo decorrido; haver; fazer; infida obrigatoriedade, ser obrigado; forma tempo composto (Costa, 2018, p. 89)

Nos resultados apresentados por Costa (2018, p. 103-104), consoante mencionado, esse elemento linguístico aparece de diferentes formas. Contudo, a forma *tem* aparece com maior frequência nos textos e com significados variados: *existir, possuir, precisar, ocorrer/acontecer, sim/afirmação, não ter/não, conseguir, sofrer, apresentar, ver, encontrar, sentir, estar, aparecer, poder, receber e há*. Nos documentos escritos por *mãos inábeis*, levantamos a hipótese que os usos com o verbo *ter*, também, trazem significados diferentes ao de posse e existir, como descreve a gramática tradicional.

6 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, será feita uma descrição do *corpus* e dos procedimentos adotados e requeridos para realização da pesquisa. Apresentamos, inicialmente, o acervo documental - CE-DOHOS - que o *corpus* da presente pesquisa integra o subprojeto Documentos produzidos por mãos inábeis: estudos linguísticos e filológicos (Consepe 083/2020). Na sequência, serão apresentados aspectos da cultura escrita no contexto do PB e as principais marcas de inabilidade que caracterizam os redatores do *corpus* desta investigação. Posteriormente, a caracterização do *corpus* da pesquisa e como decorreu a coleta dos dados. Depois, detalhamos a natureza da pesquisa. Por fim, descrevemos como ocorreu a análise dos dados.

6.1 O CE-DOHS

O *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS), do Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em que as cartas dos escreventes *inábeis* são subprojeto, é um banco de dados sociolinguístico o qual, há mais de 10 anos, permite análises histórico-diacrônicas do português brasileiro (Santiago *et al*, 2021). O CE-DOHS “[...] consiste em um corpus documental seriado, representativo tanto das normas vernáculas como das normas cultas. Inicialmente composto por documentos dentro das fronteiras dos sertões, hoje o banco oferece materiais da maior parte do Brasil [...]” (Santiago *et al*, 2021, p. 315). Aventa-se que os documentos que compõem esse acervo estão disponibilizados para consulta, gratuitamente, na rede mundial de computadores.

A base documental está organizada em dois conjuntos. O primeiro conjunto, o qual o *corpus* desta dissertação faz parte, é composto por textos escritos entre os séculos XIX e XX e por amostras de falas gravadas por brasileiros na última década do século XX. O segundo conjunto é composto por manuscritos produzidos entre os séculos XVII e XIX e há textos escritos no Brasil por portugueses no primeiro século de colonização. O acervo documental, pois, é um banco de dados sociolinguístico que corrobora a história do português brasileiro.

Para explicar a ideia de que inabilidade não está associada ao perfil sociocultural do redator e que esse aspecto está associado à época que o redator se insere, a próxima seção tratará de aspectos da história da cultura escrita no Brasil.

6.2 A CULTURA ESCRITA NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nos estudos sobre a história da cultura da escrita, no Brasil, a categorização em relação ao domínio da escrita mudou conforme o tempo. Segundo Barbosa (2017), no período colonial, dominar práticas de escrita não era um aspecto socialmente marcado, visto que comerciantes e donos de latifúndios podiam ter escrita inábil, considerando-se a incipiente difusão da escrita naquele período mas, a partir do século XX, com a ascensão da educação formal, a inabilidade com a escrita passou a ter uma marcação social mais definida e estigmatizada (Santiago, 2019). Assim, é possível notar que a categorização dos falantes em relação ao domínio da escrita está intimamente relacionada às experiências sócio-históricas e culturais de cada época. Sobre a relação entre linguagem e sociedade, Alkmim (2012) comenta que

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade e a história dos seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Efetivamente a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre fenômenos linguísticos (Alkmim, 2012, p. 23).

Depreende-se que a relação entre língua e contexto social é a base da constituição do ser humano, uma vez que, por meio da comunicação, a cultura, a identidade e as relações sociais corroboram a composição linguística do falante. Como já mencionado, a caracterização em relação ao domínio da escrita mudou conforme o tempo. No período colonial, dominar práticas de escrita não era um aspecto socialmente marcado, no entanto, a partir do século XX, com a ascensão da educação formal e a implementação de convenções ortográficas para o sistema de escrita em língua portuguesa, a inabilidade com a escrita passou a ter uma marcação social mais definida (Santiago, 2019). Com isso, é possível notar que a categorização dos falantes em relação ao domínio da escrita está intimamente relacionada às experiências sócio-históricas e culturais desses falantes.

Vale aventar, ainda, que, consoante Barbosa (2008, p. 184), os textos escritos em tempos pretéritos, muitas vezes, figuram como uma representação da língua oral corrente à época. Para Barbosa (2008), a inabilidade com a escrita, até o século XIX, permite a percepção da escrita como um reflexo da oralidade da época em que os redatores estão inseridos. Importa salientar que os traços que identificam a inabilidade com a escrita são marcas da dificuldade de representação da escrita e não um registro social e histórico, necessariamente (Barbosa, 2017, p. 20-21). Com efeito, verifica-se que, no contexto do Português Brasileiro, as práticas de escrita passaram por transformações sem, obrigatoriamente, estarem atreladas ao contexto sócio-histórico do período de análise.

Em face do exposto, ao descrever as estruturas com o verbo *ter* em documentos escritos por mãos inábeis, é fundamental definir o que se considera sobre esse termo que caracteriza indivíduos com pouca habilidade com a técnica de escrita. Importa ressaltar, pois, a definição trazida por Barbosa (2017) a respeito de *mãos inábeis*:

A expressão *mão inábil*, é uma ótima versão, em língua portuguesa, do francês *scripteurs maladroits*, que usa a metonímia da *mão redator* pela escrita por ele produzida para assimilar as marcas reveladoras de que ele parou em fase inicial de aquisição de escrita alfabética (Barbosa, 2017, p. 20-21)

Ademais, vale salientar que há níveis de inabilidade que são percebidos a partir de algumas marcas de inabilidade de escrita, as quais permitem diferenciar uma *mão hábil* de uma *mão inábil*. Sobre isso, Santiago (2019, p. 22) comenta

Buscou-se, então, caracterizar a mão inábil não como um conjunto definido de aspectos, mas a partir da ideia de um contínuo de inabilidade, cujo nível máximo seria identificável pela incidência do maior conjunto possível de marcas, ao passo que níveis intermediários o seriam pela incidência parcial dessas marcas e a inabilidade mínima seria reconhecida pela presença de poucas marcas produzidas pelos redatores (Santiago, 2019, p. 22)

As principais marcas citadas por Santiago (2019), à luz dos estudos de Petrucci (1978), Benveniste (1993) e Marquilhas (2000) estão relacionadas à *inabilidade motora*, à *escripturalidade*; à *escrita fonética*; à *ausência de sinal de pontuação*; como também à *repetição de vocábulos*.

No trabalho de Galvão (2001, p. 91), pode-se destacar que o processo de inserção de um indivíduo na cultura escrita, no Brasil, perpassa, ainda, o entendimento de diversos fatores, tais como questões de gênero, porquanto, no século XX, homens e mulheres não tinham as mesmas oportunidades de acesso à escola, como também o contexto de vivência era determinante, pois as pessoas que viviam no campo não possuíam as mesmas oportunidades de acesso à educação formal, quando comparadas a pessoas que habitavam a zona urbana.

Então, no século XX, com a ascensão da educação formal e a marcada desigualdade sociocultural atrelada a esse contexto, é inquestionável considerar a escrita por *mãos inábeis* como um registro sócio-histórico do PB. Ademais, cabe salientar que, os redatores inábeis, do *corpus* desta pesquisa, por viverem, de maneira geral, em zonas rurais, tinham um acesso limitado à educação formal, o que possibilita afirmar que os documentos escritos por esses indivíduos que pararam em fase inicial de aquisição da escrita alfabética trazem indícios de registros linguísticos não monitorados pelo prescritivismo da norma-padrão.

Além disso, ressalta-se que as variedades do PB produzidas por analfabetos, em consonância com o que discute Lucchesi (2009), conservam traços de um contato linguístico entre a língua portuguesa e línguas indígenas e africanas. Entretanto, ainda conforme Lucchesi (2009), existe uma tentativa de apagamento dessas influências no PB. Com efeito, com esta pesquisa, há oportunidade, ainda, de reafirmar que a escrita produzida por inábeis pode dar indícios da formação e da representação histórica da Língua Portuguesa no Brasil.

A próxima subseção tratará sobre as principais marcas de inabilidade com a escrita no século XX. Além disso, para melhor descrever o corpus utilizado neste trabalho, cabe comentar sobre as propriedades que justificam sua caracterização como produto de inábeis.

6. 3 MARCAS DE INABILIDADE NO SÉCULO XX: A ESCRITA INÁBIL E A ESCRITA HÁBIL

Para identificação da inabilidade com a escrita, Santiago (2019) apresenta as principais marcas identificadoras de um escrevente que parou em fase inicial de aquisição da escrita. Esses indícios de inabilidade permitem-nos, ainda, diferenciar uma *mão hábil* de uma *mão inábil*. Cabe ponderar que a inabilidade tem estreita relação com escrita, com a técnica de escrever a qual, muitas das vezes, a expressão não terá correspondência na fala. Importa enfatizar que desvios de concordância, usos dos pronomes que vão de encontro ao prescritivismo da norma-padrão não são considerados marcas de inabilidade, porquanto os registros que indicam pouca habilidade com a técnica de escrever são os que se referem à grafia.

A respeito das marcas reveladoras de um redator inábil, destaca-se, inicialmente, a *escriptualidade*, que consoante Santiago (2019, p. 105-106), à luz de Barbosa (2017), são traços que revelam a insegurança em assumir *grafismos* (convencionalismos motivados por tradições culturais), insegurança em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/. Nos documentos escritos pelos sertanejos, verificou-se, ainda, que “os dígrafos com a omissão do <u>, na redução dos dígrafos <qu> e <gu>; a substituição de <rr> por <r>, de <ss> por <s>, e de <sc> por <s>, e a omissão do <h> na grafia de <nh>, <lh> e <ch>” (Santiago, 2019, p. 107). Mas também, sobre a *escriptualidade*, Santiago (2019) aventa que

Considerando-se que a presença de propriedades referentes à escriptualidade é o que melhor caracteriza a escrita inábil, recorrente em diferentes corpora, de diferentes períodos e espaços, a presença de índices grafofonéticos é apenas mais um aspecto da dificuldade de representação escrita. Para os textos do século XX, quando já se tem

uma ortografia padrão única, esses índices tornam-se mais significativos para a definição do nível de inabilidade do redator (p. 106)

Quando não se verifica o registro do /r/ ou /l/ em sílabas complexas, como o uso de [krata] invés de [karta], inferir-se que o redator tem dificuldade com a técnica de escrever e, não necessariamente, esse registro tem referência na oralidade. E, de acordo com Barbosa (2017) e Santiago (2019), esses indícios, até o século XX, não tinham relação direta com aspectos culturais e sócio-históricos, uma vez que, entre os séculos XVI e XIX, membros da nobreza, grandes latifundiários e escravizados não tinham acesso direto às práticas de escrita.

Além disso, outro importante indício que dado redator cuja escrita parou em fase inicial é a *escrita fonética*, a qual pode ser percebida como a representação gráfica de sons vocálicos e consonantais que se aproxima da pronúncia e se distancia das convenções gráficas (Santiago, 2019, p. 110). Para melhor percepção, Santiago (2019, p. 111) traz exemplos: “[...] Nos textos dos sertanejos baianos, há alguns índices grafonéticos mais gerais, comuns mesmo entre os mais hábeis, como as grafias para a elevação de vogais médias pretônicas, em *sigundo* por *segundo* (AHC-54) e *nuvidadi* por *novidade* (JMS-66)”. Como também, outros exemplos são destacados: *saudadi* e não *saudade* (FP-78), *nu* e não *no* (SFS-40), *pusive* e não *possível* (MDO-84) etc.

Depreende-se, então, que os índices grafofônicos representam uma tentativa dos redatores inábeis em representar marcas da fala na escrita. Contudo, muitas vezes, a escrita não tem correspondência na fala, porque as convenções ortográficas implementadas no século XX e o prescritivismo imposto pela tradição gramatical ajudam a conservar a escrita padrão e as marcas grafofônicas são identificadas como desvios ortográficos.

No que tange aos indícios da *pontuação*, Santiago (2019, p. 121-122), em conformidade com os estudos de Barbosa (2017), observou que, nos documentos escritos por *mãos inábeis*, há uma reduzida utilização dos sinais gráficos. O uso da vírgula e do ponto são unicamente registrados, sem variações e pretensões de demarcações sintático-discursivas (Santiago, 2019, p. 121-122). Conforme os critérios de Barbosa (2017), Santiago (2019) ressalta que a marcação ou não do sinal de pontuação (a vírgula) diferencia uma *mão hábil* de uma *mão inábil* a partir do século XIX: “[...] Do praticamente zero de uso no inábil e aumentando em progressão tanto em uso, quanto em sua marcação visual por vírgula, a inversão cresce no hábil elementar e continua a crescer conforme sobe o grau de letramento dos redatores” (Barbosa, 2017, p. 25). Com efeito, Santiago (2019) sintetiza:

Os redatores mais inábeis não usam sinais de pontuação em seus textos: nas cartas em que há muitos dados correspondentes às dimensões da escriptualidade e da escrita

fonética, também consta o zero de uso de sinais. A pontuação não é um aspecto determinante para caracterizar a escrita inábil, considerando que em textos de redatores com um nível de inabilidade menor, também se verifica a ausência de sinais. A ausência da pontuação, ainda que não seja uma característica determinante, é uma marca identificada na escrita inábil de outras épocas, como em textos produzidos por africanos no século XIX. (Santiago, 2019, p. 134).

Assim, aventa-se que não apenas a marcação do sinal de pontuação, por demarcar aspectos sintático-discursivos, possibilita identificar, no contexto do PB, do século XX, domínios mais elevados da estrutura da língua, como também revela que o não uso demonstra que dado indivíduo parou em fase inicial de aquisição da escrita e, ao utilizar reduzidos e invariáveis elementos gráficos, não os utilizam por conhecerem a sintaxe da língua, porém, sim, por intuição e/ou um uso em desacordo com o sistema de pontuação convencional.

Sobre as marcas da *repetição*, Santiago (2019) comenta que essas podem ser fonológicas, morfológicas, lexicais, sintagmáticas e oracionais. Elas podem revelar a inabilidade com a escrita, pois trazem indícios de um repertório vocabular reduzido. Depreende-se que o escrevente que não se apropriou de um acervo lexical variado teve pouco contato com leitura de textos e, por consequência, o seu processo de ensino -aprendizagem não foi adequado e não se apropriou do convencionalismo gramatical/ortográfico imposto pelas instituições de ensino no século XX. Conclui-se que a *repetição* na escrita por *mãos inábeis* possibilita entender não somente que se trata de uma escrita espontânea, mas também conserva indícios da modalidade oral da língua nos registros gráficos.

A fim de estabelecer um contínuo de inabilidade com a escrita, Santiago (2019, p. 154) define aspectos que demarcam a *inabilidade máxima*, a *inabilidade parcial* e a *inabilidade mínima*. A *inabilidade máxima* tem como traço principal o desconhecimento de convenções gráficas (*a escriptualidade*) e a dificuldade em grafar tantas sílabas complexas, representações gráficas da nasalidade, quanto dificuldade em registrar dígrafos.

A respeito da *inabilidade parcial*, destaca-se não somente a não apropriação dos usos da pontuação e recorrente repetição de vocábulos, como também aspectos relacionados à *escriptualidade* em concorrência com a *escrita fonética*. Por fim, a *inabilidade mínima*, a qual é identificada com a ausência da *escriptualidade* e, raramente, mais de duas dimensões são registradas.

6.4 O CORPUS E A COLETA DE DADOS

Para coletar os dados requeridos pela presente pesquisa, foi analisado um acervo composto por 131 cartas, que constituem um material homogêneo, uma vez que esses documentos foram trocados entre remetentes e destinatários que mantêm relações simétricas e fazem parte de um contexto sociocultural similar, de acordo com o que apresenta Santiago (2023, p. 19). Ressalta-se que essas fontes documentais já são editadas e estão disponibilizadas em domínio público.

É importante lembrar que esse acervo de cartas é subprojeto do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE- DOHS/ UEFS), ademais é resultado da tese de doutorado: *A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização* de Santiago (2019). Adicionalmente, todos os textos do acervo são datados do século XX, o que permite a análise e a descrição das construções com o verbo *ter*, considerando o *construction da* escrita do redator inábil inserido em um contexto histórico e sociocultural.

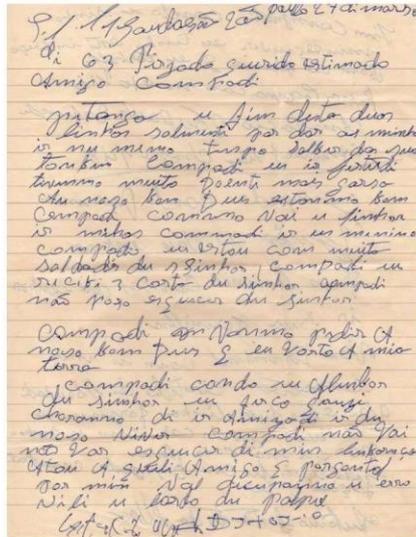
É, também, importante ressaltar que os escreventes são, de maneira geral, lavradores naturais da zona rural, oriundos de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no semiárido baiano. Esses textos foram escritos entre os anos 1906 e 2000 (a maior parte dos textos foi escrita nas décadas de 1950, 1960 e 1970 (Santiago, 2023, p. 17). Como também, ainda, conforme Santiago (2023), os redatores dessas cartas tiveram contato com as primeiras letras, em espaços extraescolares, na própria casa ou de parentes, devido à precariedade e funcionamento irregular das escolas.

Tabela 1: Caracterização do *corpus*

<i>Década de produção</i>	<i>Quantidade de redatores por data de nascimento</i>	<i>Quantidade de cartas escritas</i>
<i>1900 a 1950</i>	<i>31</i>	<i>25</i>
<i>1960 a 2000</i>	<i>9</i>	<i>106</i>
<i>Total</i>	<i>40</i>	<i>131</i>

fonte: adaptada (Santiago, 2023)

Figura 2: Carta inábil (Antônio Fortunato da Silva)



Carta 13

AJCO. Documento contendo um fôlo, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.

saudasão¹ São Paulo 27 di marzo²|

di 63 Pizado querido estimado |
Amigo compadi |

pitanga u fim desta duas | linhas solmenti par dar as minha | ir nu memo tempo salber da sua | tonbem compadi eu ir jertudi | tivenmo muito Doente mais garsa | Au noso bom Deus estonmo bem | Compadi commo vai u sinhor | ir mihas commadi ir us menino | compadi eu estou com muita | saldade du s sinhor compadi eu | recibi 3 carta du sinhor compadi | não poso esquecer du sinhor |

compadi [i]³ vanmo pedir A | noso bom Deus que u vorto A mia | terra | compadi condo eu Alenbor | du sinhor eu firco quazi | choranno di ir Amizadi ir du | noso viver compadi não vai | não var esquecer di min lenbarça | A tou A quel Amigo que porgonta⁴ | por mim val dicupanno u erro | vili u lardo du palpel |

[P] ANTONIO⁵ |

¹ Antes da palavra 'saudasão' há traços e pontos aleatórios.

² Escrito na margem superior.

³ Rasurado.

⁴ Há traço inclinado após a palavra.

⁵ Escrito na margem inferior, com as letras deitadas. Ao lado dessa palavra há vários traços aleatórios.

Sim compadi condo u sinhor
 min esquecer eu tenho esti endereço | Bom
 da firma qe eu tarbalho | Rua Camacan nº 2/0 Vila | Anastacio São
 Paulo So funji |
 Rua Camo cas no 210 Vila |
 Anastacio 250 parko 2ofunji
 Antonio f Silva chapa 148

 compadi condo Deus min
 Vou enbora eu Vou enbora
 Vou terminal com u meu
 coraçõ cintido di s saudadi | Vai estas duas
 linha farzenno u | meu Aver convecar com u sinhor | porqui não poso
 liver |
 nada mais du ceu Depezado compadi | farjiun qe er |
 Antonio Fortunato da Silva

[fol. 1v]

Sim compadi condo u sinhor | min esquecer eu tenho esti endereço | Bom
 da firma qe eu tarbalho | Rua Camacan nº 2/0 Vila | Anastacio São
 Paulo So funji |

Antonio Fortunato Silva chapa 148 |

Compadi condo Deus min | Ajudar eu vou enbora | Deus tonmil contar
 du senhor | ir sua Farmilha |

Vou terminal com u meu | coraçõ cintido di s saudadi | Vai estas duas
 linha farzenno u | meu Aver convecar com u sinhor | porqui não poso
 liver |

nada mais du ceu Depezado compadi | farjiun qe er |

Antonio Fortunato da Silva |

Fonte: www.uefs.br/cedohs/maosinabeis (cartas inábeis)

Salienta-se que, por meio de inferências, quatro redatores tiveram suas datas de nascimento localizadas no final do século XIX. Contudo, a integralidade dos documentos tem como período de escrita o século XX. Cabe dizer, ainda, que, no total, foram 53 redatores, entretanto, só há 40 com data de nascimento identificada ou por inferências. Desses escreventes, 31 são mulheres e 22 são homens.

A respeito dos destinatários (28 no total) das cartas, possuem pouca escolarização, condições financeiras precárias e trabalham com a agricultura e criação de animais de pequeno porte (Santiago, 2023, p. 36). Com efeito, pode-se dizer que há uma similaridade no perfil dos redatores e destinatários, além disso, por terem, na maior parte dos casos, relação de parentesco, a escrita não monitorada/informal também pode caracterizar esse acervo de cartas. No site www.uefs.br/cedohs/maosinabeis, encontram-se as cartas editadas nas versões semidiplomática, fac-símile e modernizada, como também a ficha bibliográfica dos redatores.

Destaca-se que a coleta de dados decorreu da captura das construções em cada documento. Salienta-se que não foi feito uso de *software* para destacar as construções. O método utilizado para capturar as construções foi a leitura dos documentos, localização das

estruturas, *copiar* e *colar* as construções e o detalhamento da fonte da carta e os aspectos formais e funcionais relacionados às estruturas encontradas.

6. 5 A NATUREZA DA PESQUISA

Para descrever os padrões construcionais encontrados nos documentos, é importante salientar que esta pesquisa é descritiva, a fim de coletar e analisar os dados. A caracterização da presente pesquisa se deu por meio de uma análise qualitativa (análise e descrição dos dados encontrados nos documentos) e quantitativa para verificar a frequência que as construções com o verbo *ter* apresentam nos textos fornecidos pelo *corpus*. Com isso, descreveram-se as construções do elemento *ter* no português brasileiro do século XX, conforme a Gramática de Construções descrita por Goldberg, 2006; Bybee, 2016 [2010]; Traugott; Trousdale, 2011 [2013].

Além disso, analisar as estruturas morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais de cada verbo nos textos escritos por redatores inábeis, para perceber se há diferenças do padrão de origem desses itens lexicais. Ademais, pretende-se apontar o que revelam sobre a *constructicon* desses remetentes no PB. Vale ressaltar que os principais critérios de escolha dos textos foram o período histórico que os textos estão inseridos (século XX); contexto de produção; idade dos redatores (adultos e idosos); e nível de escolaridade dos redatores (pouco escolarizados).

6. 6 ANÁLISE DOS DADOS

A abordagem construcional da gramática, para caracterização dos dados, propõe a análise formal e funcional das construções. Para descrever e analisar os dados encontrados com o verbo *ter* no *corpus*, tenciona-se apresentar as estruturas tanto a nível formal, quanto o sentido desempenhado pelas construções. Objetiva-se propor uma discussão sobre os padrões construcionais que integram o verbo *ter* nos textos escritos por redatores inábeis no século XX.

Conforme a perspectiva defendida por Goldberg (1995, 2006), para análise de uma construção, é fundamental não desvincular os aspectos formais dos de significado. Nesta pesquisa, a análise das construções encontradas com o verbo *ter* foi feita a partir da vinculação entre o pareamento forma-significado. Com esse fim, destacaram-se as construções capturadas (*posse metafórica, ação concluída, posse, construção existencial e construção de obrigatoriedade*). Destaca-se que, para análise dos dados, não foi usado, nesta pesquisa, auxílio de softwares ou ferramentas similares.

A sistematização dos dados foi feita a partir da elaboração de um quadro em que consta a construção capturada, a fonte da carta e comentários sobre os aspectos formais e funcionais da estrutura capturada. Para classificação dos dados, retomaram-se Goldberg (1995, 2006) e Traugott e Trousdale (2013) para tratar dos polos formais e funcionais que compõem uma construção. Essas informações foram detalhadas no quadro mencionado anteriormente e especificadas ao detalhar separadamente os dados encontrados.

Na próxima seção, serão discutidos os resultados e demais detalhes atinentes à análise proposta por esta dissertação.

7 USOS COM O VERBO *TER* NOS DOCUMENTOS ESCRITOS POR REDADORES INÁBEIS

Nesta seção, desenvolve-se a análise das construções encontradas com o verbo *ter*. Na primeira subseção, é feita uma apresentação geral dos dados encontrados no *corpus*. Posteriormente, discutem-se os aspectos formais e funcionais referentes às construções capturadas, em que se apresentam os aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, cognitivos, pragmáticos e discursivos.

7.1 APRESENTAÇÃO GERAL DOS DADOS

Inicialmente, pondera-se que, não obstante o *corpus* de análise desta pesquisa seja composto por textos escritos, o que pode levar ao entendimento de que os usos abstratos com o item *ter*, sob análise, estão sendo predominantes, também, nessa modalidade da língua, os documentos representam um registro linguístico realizado por redatores que pararam em fase inicial de aquisição da escrita e seus registros gráficos não reproduzem a imposição da norma-padrão; apresentam, porém, marcas da modalidade falada da língua.

Como já evidenciado no método desta pesquisa, a apresentação dos dados será feita a partir do enfoque formal e funcional das construções, tendo como base o tratamento dos dados proposto pela Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), em consonância com a perspectiva apresentada por Goldberg (1995, 2006). Salienta-se que as perspectivas apresentadas por Bybee (2016) Traugott e Trousdale (2021 [2013]) foram importantes para o desenvolvimento da análise, dado que trazem considerações significativas acerca da GCBU.

Destaca-se que foram encontradas 103 construções com o item *ter*: As estruturas encontradas podem ser divididas como (i) Construção de posse metafórica (51 ocorrências); (ii) Construção de uma ação concluída (25 ocorrências); (iii) Construção posse (13 ocorrências); (iv) Construção de existencial (11 ocorrências); e (v) Construção de obrigatoriedade (3 ocorrências). A tabela a seguir sintetiza as estruturas identificadas com o elemento *ter*:

Tabela 2 - Tipo de construção e número de ocorrências

Construção	Número de ocorrência
Posse metafórica	51 ocorrências

Ação concluída	25 ocorrências
Posse	13 ocorrências
Construção existencial	11 ocorrências
Construção de obrigatoriedade	3 ocorrências

Fonte: elaboração própria.

Chama-se a atenção para o fato de que o verbo *ter*, nessas estruturas, aparece como verbo pleno (62%), como verbo leve⁵ (11%) e como verbo auxiliar (27%), e essas construções, na maioria dos casos, estão associadas ao significado de posse metafórica, o que corrobora os resultados apresentados por Viotti (1998), Pinheiro (2009) e Peixoto (2012) que sinalizam para o aumento dos usos abstratos com esse elemento linguístico no século XX, como pode ser percebido nos exemplos que seguem:

- (i) “**tenha ferz** ni mim que eu **tenho** ni Deus” (carta 15, AFS, 20/07/1963)
- (ii) “João diga us menino que eu não esriviri por que não **tivi tempo**” (carta 36, MC, 25/02/1955).

A construção em (i) “ter fé” é uma expressão cristalizada, em que, na construção 2, o falante reanalisa, especificando o significado de ‘acreditar, crer’ (eu acredito em Deus/eu creio em Deus), evidenciando um caso de verbo leve. Com isso, o verbo ‘ter’ acaba se abstratizando, e o que contorna o significado das expressões é o uso dos substantivos fé, que remete ao domínio crer/acreditar. No exemplo em (ii), esse uso também é uma posse metafórica do tempo, relacionada à metáfora estrutural TEMPO É DINHEIRO, como mencionam Lakoff e Johnson (1980). Mas, “ter tempo” ainda tem a ideia de posse, diferentemente de “ter fé”, na medida em que pode apresentar verbos correspondentes, como ‘crer’ e ‘acreditar’, o que diferencia as realizações em níveis de integração semântica.

⁵ Também chamados de verbos-suporte, verbos funcionais, verbos gerais, verbos operadores, verboides ou verbalizadores, os verbos leves são aqueles que não apresentam uma carga relevante de significado à construção que faz parte (Chishman e Abreu, 2014, p. 155). As autoras acrescentam que “[...] um sintagma nominal na posição de objeto, de forma que essa combinação dá margem a um novo significado que não está diretamente relacionado com os significados de seus constituintes [...]” (Chishman e Abreu, 2014, p. 155). Por exemplo, a expressão *dar um abraço* pode ser atribuído um significado geral (*abraçar*) que não é determinado pelo verbo *dar* e se distancia da associação dos significados *dar* + *um abraço*. Com isso, Chishman e Abreu (2014, p. 156) salientam que os verbos leves/suporte dão suporte ao substantivo predicado na construção de significado das construções do tipo *verbo + sintagma nominal*.

A segunda construção mais frequente foi a que indica uma ação concluída (24, 27%), em que aparecem subtipos que variam de acordo com a morfologia verbal. Para melhor visualização do que está sendo mencionado, vejamos alguns exemplos encontrados:

(iii) “Compadipitanga eu fiquei comtenti du senhor **ter min a virzado**” (carta 07, AFS, 01/01/1962).

(iv) “Compadre pitanga eu a recebi u ceu a marvi Biletinho firquei muito satifeito du simhor **têr a lenbardo** di min” (carta 19, AFS, 03/03/1965).

(v) “eu espero em Deus que a dele **tenha xegado** tambem que para mi sera alegria” (carta 63, AAHCS, 10/12/1992).

Nas construções em (iii e iv), observa-se a ocorrência do *ter* no infinitivo pessoal, em que o sujeito (senhor), por estar em terceira pessoa não é marcado pela morfologia verbal e, em (v), a morfologia verbal marca o tempo composto do subjuntivo. Como adiantado, as construções indicam uma ação concluída, porém o que as diferencia é a estrutura morfológica desempenhada pelo verbo *ter*.

As construções que indicam posse foi o terceiro uso mais frequente no *corpus*, aparecendo em 12,62% das ocorrências. Nessas construções, o verbo *ter* indica uma posse associada ao domínio material/concreto. Eis exemplos:

(vi) “e vor lhi dizer que as galinha que eu **tem** ai e a q foi de bernadete” (carta 37, MC, 09/04/1955).

(vii) “mais não foi a operei para não **ter** mais filho” (carta 70, AJJS, 11/09/1978).

As construções em (vi e vii) indicam posse com nível de concretização diferente. Em (vi), o termo ‘galinha’ registra a materialização de algo possuído, direcionado pelo verbo *ter*. Em (vii), posto que filho faça referência a uma pessoa física, não se pode dizer que há uma posse material como em (vi), pois não há a posse de uma pessoa, mas o vínculo sentimental que contorna a posse maternal.

Chama-se a atenção, ainda, para reduzida ocorrência da construção com acepção existencial, representando 10% dos dados coletados (11 ocorrências), em que se evidencia o uso do item *ter* em substituição ao verbo *haver*. Esses dados corroboram o exposto por Viotti (1998), já que ela identificou, nos séculos XIV e XV, os verbos *ter e haver* estabelecendo intensa concorrência e o item *ter* começa a ser mais frequente. No século XVI, o verbo *ter* passa

a ser predominante na fala, principalmente. Nas sincronias posteriores, esse elemento linguístico passou a agregar outras acepções, devido ao processo de gramaticalização.

Com isso, usos mais abstratos foram identificados e os usos com esse elemento foram se tornando predominante e outros significados começaram a ser percebidos, o que pode justificar a reduzida aceção existencial com o item sob análise no século XX. Os resultados apresentados por esta dissertação evidenciam que o item *ter* agrega extensões semânticas, porquanto mostram realizações metafóricas sobressaem as realizações existenciais e de posse prototípica, o que permite dizer que esse elemento linguístico está se abstratizando em um processo contínuo e é amplamente utilizado em substituição ao item gramatical *haver* e com outros significados.

Outra construção observada no *corpus* foi a que remete a uma aceção de obrigação. Salienta-se que essa estrutura aparece apenas em 2% dos dados, o que torna essa construção a menos frequente nos documentos escritos por redatores inábeis, ao analisar estruturas com o item *ter*.

Observa-se, pois, que os usos com o elemento linguístico *ter*, nos textos escritos por redatores inábeis, no século XX, sinalizam que esse item apresenta diversificadas ocorrências, sendo a construção que remete a uma *posse metafórica* a mais representativa. Salienta-se, ainda, a redução da expressividade da construção com aceção existencial, bastante significativa em sincronias anteriores da história da língua portuguesa.

Nas subseções seguintes, apresenta-se o detalhamento dos dados encontrados como o verbo *ter*, nos documentos escritos por redatores *inábeis*, no século XX, em que se destacam os aspectos associados ao pareamento forma-significado das construções encontradas: *posse metafórica*, *ação concluída*, *posse*, *construção existencial* e *construção de obrigatoriedade/obrigação*.

7. 2 ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM O VERBO *TER* ENCONTRADAS NO *CORPUS*

A fim de detalhar as construções com o elemento *ter* encontradas no *corpus* (*posse metafórica*, *ação concluída*, *posse*, *construção existencial* e *construção de obrigação*), nesta subseção, como já aventado, tomamos como aporte teórico para análise, a perspectiva apresentada por Goldberg (2006), em que ela defende que as construções licenciadas pelo uso destacam aspectos gerais e demonstram o que é necessário para uma explicação completa da língua(gem). Com efeito, Goldberg (2006) propõe a análise formal, em que se analisam os aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos de uma estrutura linguística, e ela considera a

vinculação com as características funcionais da construção, em que se investigam os níveis semânticos, pragmáticos e discursivos que perpassam a língua.

Com isso, a seguir, em conformidade com que apresenta Goldberg (2006) e as contribuições complementares apresentadas por Bybee (2016) e Traugott e Trousdale (2021 [2013]), detalham-se os aspectos formais e funcionais referentes às construções capturadas com o verbo *ter* nos documentos escritos por redatores que pararam em fase inicial de aquisição da escrita.

7. 2. 1 A construção de posse metafórica

No tocante aos aspectos fonético-fonológicos, sinaliza-se que essa dimensão de análise não é um aspecto relevante para o tratamento das construções, visto que o verbo *ter* aparece com autonomia, com uma identidade fonológica própria e apresentando uma estrutura forma/significado, conforme a perspectiva defendida por Goldberg (2006). Destaca-se que, mesmo quando o item *ter* apareceu como elemento pleno/auxiliar ou como um elemento suporte conserva seus traços fonológicos particulares. Vejamos alguns exemplos que demarcam essas características do elemento sob análise:

- (i) “Sim comp Deus estamos bem” adi condo u sinhor mim esquever eu **tenho** esti indereço” (carta 13, AFS, 1963).
- (ii) “juão vose manduo dizer que datiu **tinha vendido** a gallinha” (carta 28, GOR, 24/04/1955).
- (iii) Sim **tenhor** fers ni Deus i mi mim (carta 15, AFS, 20/07/1963).

Em todos esses casos com o elemento sob estudo, nota-se que as construções representam unidades fonético-fonológicas particulares, com estruturas formais e funcionais específicas. No entanto, percebe-se que tanto como verbo pleno em (i), como auxiliar em (ii), quanto como elemento suporte em (iii), posto que o item *ter* integre construções com aspectos sonoros e funcionais distintos, as estruturas formam um só bloco sonoro e evidenciam a autonomia e a identidade fonológica do elemento sob enfoque.

No que se refere às construções que indicam uma *posse metafórica*, as quais aparecem em 50% dos dados, nota-se que sua estrutura fonológica segue uma uniformidade e demarca a identidade sonora do elemento *ter*, conforme ressaltado anteriormente, o que torna a análise dessa dimensão não relevante para o tratamento dos dados.

No tocante aos aspectos morfológicos, de maneira geral, observa-se que há uma reduzida flexão de número e pessoa. No que diz respeito à marcação de singular e plural direcionada pelo sujeito oracional, a reduzida diversificação pode ser explicada pelo fato de o registro gráfico dos redatores inábeis não sofrerem com a imposição e a vigilância imposta pelo prescritivismo linguístico, o que implica a não observância do que sugere a convenção gramatical vigente. Sobre a reduzida diversificação na flexão da pessoa, aventa-se que o *corpus* desta pesquisa, por se tratar de cartas pessoais, a predominância de um emissor em primeira pessoa é justificada. A respeito das amostras de dados da construção que indica uma *posse metafórica*, aventa-se a alta representatividade dos usos dos escreventes inábeis com essa estrutura. Observemos:

- (i) “Farsa um tudo purmin detas que nois **ten tempo** par Acerta” (carta 23, AFS).
- (ii) “eu não **têho tempo** parnada vou terminal par não li.” (carta 23, AFS).
- (iii) “vomtadi eu **tenho** muitas mais não poso compadi” (carta 38, NIN).
- (iv) “ Eu esitou muito nervozo não **teio** gupa de gosta tanto de voce” (carta 64 AAHCS, 21/12/1975).
- (v) “compadi foi A maor aligial que eu **tivi**. na minha vida” (carta 18, AFS, 1963).
- (vi) “tenha ferz ni mim que eu **tenho** ni Deus” (carta 15, AFS, 20/07/1963).
- (vii) “Sim **tenhor** fers ni Deus i mi mim” (carta 15, AFS, 20/07/1963).
- (viii) “Quanto o terreno e a mema cantia so **tem** pior a caza por cer mas pequena” (carta 81, AJJS, 15/11/1907).

Por meio das construções destacadas, percebe-se a existência de variados usos metafóricos instanciados pelo elemento *ter* no *corpus*. A partir de uma estrutura biargumental, que remete a uma posse que não é concreta, percebe-se que o tema possuído não recai sobre algo material, porém, sim, sobre elementos abstratos (tempo, vontade, culpa, alegria e fé).

Em (i), observa-se um uso com a *posse metafórica* do tempo, relacionada a metáfora estrutural⁶ TEMPO É DINHEIRO, como mencionam Lakoff e Johnson (2002) que pode ser melhor percebida na construção em (ii), porquanto, ao enunciar “não ter tempo para nada”, o

⁶ Para Lakoff e Johnson (2002), as metáforas estruturais podem ser entendidas como a estruturação metafórica de um conceito em relação a outro. Por exemplo, a metáfora TEMPO É DINHEIRO o conceito de tempo é moldado a partir da noção de dinheiro. Com isso, o tempo passa a ser associado à noção de trabalho que gera ganho de dinheiro, possibilitando a compreensão TEMPO É DINHEIRO. Kovecses (2002) complementa que a função cognitiva dessas metáforas é permitir que um falante entenda o alvo (tempo) por meio da estrutura da fonte (dinheiro).

redator acessa o conhecimento relacionado ao parar de fazer algo é perder tempo e se deixa de ganhar dinheiro, logo perder tempo é perder dinheiro/tempo é dinheiro. Importa mencionar que a expressão “ter tempo” não pode ser substituída por completo, dado que apenas o verbo *ter* pode ser alterado (posso tempo, quero tempo, preciso de tempo), o que demonstra que a construção “ter tempo” não é fixada na língua.

Na construção em (iii), o item *ter* aparece com o significado de *posse metafórica* que é relacionada a metáfora ontológica⁷ descrita por Lakoff e Johnson (2002), em que podemos perceber uma categoria abstrata como “vontade” metaforizada como uma categoria concreta. Com efeito, na expressão “vontade eu tenho” o sintagma nominal “vontade” poderia ser substituído por um item concreto (galinha, carro etc.).

Esse uso evidencia níveis mais elevados de generalização relacionadas ao verbo *ter*. Aventa-se, ainda, que a estrutura “vontade eu **tenho** muitas mais não posso compadi” demarca uma expressão cristalizada que pode ser substituída pelo verbo *querer* (*eu quero muito, mas não posso, compadre*), demonstrando um uso representativo com um verbo leve, em que o elemento *ter* dá suporte a significação desempenhada pela construção.

As estruturas em (iv e v) também apresentam uma *posse metafórica* que se relaciona à metáfora ontológica mencionada por Lakoff e Johnson (2002), na medida em que há uma objetificação de coisas abstratas e os itens nominais que remetem a uma abstratização linguística “culpa” e “alegria” são tomados como categorias linguísticas concretas/objetos concretos. Salienta-se que a expressão “ter alegria” não é fixada nas situações de uso, já que pode ser trocada por “ter decepção”, “ter tristeza”, “ter raiva”, “ter felicidade”, assim com a expressão “ter culpa” que pode ser trocada pelas mesmas expressões.

As construções em (vi e vii) também remontam a um uso metafórico ontológico instanciado pelo item sob análise nesta seção, uma vez que se percebe a objetificação do sintagma nominal “fé”. Ressalta-se que “ter fé” é uma expressão cristalizada na língua, dado que, caso se altere um item da construção, o significado de *crer/acreditar*, reanalisado e especificado na estrutura em (vii) é perdido. Aventa-se, ainda, que, nas construções em (vi e vii), o verbo *ter* apresenta uma carga de significação reduzida, o que permite evidenciá-lo como item suporte nas estruturas, em que os significados são contornados pelo elemento nominal “fé” que remete ao significado de *crer/acreditar* (*eu creio em Deus/acredito em Deus*).

⁷ Lakoff e Johnson (2002, p.75-76) ressaltam que as metáforas ontológicas podem ser entendidas como a identificação das nossas experiências como entidades ou substâncias que nos permite fazer referência, categorizar, agrupar, quantificar e racionar coisas abstratas. Kovecses (2002) amplia essa discussão comentando que uma forma de manifestação das metáforas ontológicas é a personificação, em que propriedades humanas são compartilhadas com entidades não-humanas.

A construção em (viii) apresenta uma *posse metafórica* relacionada ao que descreve Pinheiro (2009), em que se observa uma continência concreta. A estrutura “*Quanto o terreno e a mema cantia so tem pior a caza por cer mas pequena*” permite dizer que o verbo *ter* remete à metáfora de continência, uma vez que “o terreno”, elemento concreto, contém “a casa”. Com efeito, os usos com o item sob estudo nesta seção, ao apresentar um significado de *posse metafórica*, remetem a níveis mais elevados de generalização.

Para melhor percepção, destacam-se os aspectos sintático-semânticos das construções que remetem a uma *posse metafórica*, em que se pode notar os dois argumentos envolvidos nessa construção:

Agente: o agente (o que desempenha a noção de sujeito) é sempre um redator que está trocando notícias com familiares e amigos, em um contexto marcado pelas questões climáticas e questões econômicas que provocaram o êxodo rural. Assim, as informações apresentadas pelas construções evidenciam relações parentais e um registro informal da língua.

Tema: o tema (traz a noção de objeto oracional) remete a elementos abstratos que fazem referência à situação de uso do redator inábil, em que se nota a falta de tempo para atividades que não envolvam o trabalho, vontade e alegria de rever pessoas próximas e marcas da religiosidade dos escreventes.

7.2.2 Ação concluída

Cerca de 24% das ocorrências, 25 exemplos de 103 construções capturadas, representam a construção que sinaliza para uma *ação concluída*. No tocante ao detalhamento dessas estruturas, como já mencionado, essas construções com o verbo *ter* aparecem com subtipos que variam de acordo com a morfologia verbal, mas indicando um significado de *ação concluída*, em que apresenta a configuração TER + PARTICÍPIO PASSADO DO VERBO PRINCIPAL. Aventa-se que, na construção sob análise, o verbo *ter* aparece como elemento auxiliar e é um item satélite na forma perifrástica do sintagma verbal com o verbo nuclear, para apresentar funções de modo, tempo, número e pessoa. Eis alguns exemplos:

(ix) “Compadi pitanga eu fiquei comtenti du senhor **ter min a virzado**” (carta 7, AFS, 01/10/1962).

(x) “eu conheico as minhas mal occa que eu **tinha feito** com vosmecê” (carta 66, AJJS, 19/03/1906).

(xi) “ Ha tempos que estou com confusão de **ter pegado** uns pedaços de umburana no pasto de vocês” (carta 76, AMIOC)

(xii) “juão vose manduo dizer que datiu **tinha vendido** a gallinha” (carta 28, GOR, 23/04/1955)

(xiii) “eu espero em Deus que a dele **tenha xegado** tambem que para mi sera alegria” (carta 63, AAHCS, 10/12/1992)

Em (ix), percebe-se que o tempo não é especificado, o que influencia a especificação da flexão número-pessoal da construção, dado que a marcação do singular e referência a primeira pessoa está especificada pelo pronome e não pelo verbo, pois aparece na sua forma infinita. Em (x), percebe-se uma alteração no tempo da construção (pretérito perfeito) com o modo indicativo, e a flexão de número e pessoa. Em (xi), assim como em (ix), o tempo da construção não é especificado pelo verbo, comprometendo a especificação número-pessoal da construção.

Nas construções em (xii e xiii), a aceção de uma *ação concluída* está contornada pelo tempo verbal, em que sinaliza para uma ação realizada em passado anterior a outro passado. Em (xii), esse significado é contornado pelo tempo composto do indicativo. Em (xiii), a ação verbal é especificada pelo tempo composto do subjuntivo. Ressalta-se que, nessas estruturas, a configuração TER + PARTICÍPIO PASSADO DO VERBO PRINCIPAL é percebida, em que a modificação na ordem da construção ou a substituição do elemento principal compromete o depreendimento da significação da estrutura.

As construções que indicam uma *ação concluída* trazem como **agente** (o que desempenha a noção de sujeito) um redator inábil que troca informações sobre a vida cotidiana. O **tema** (traz a noção de objeto oracional) ora não é preenchido (como em ix), ora é fornecido pela estrutura (como em xi e xii).

7. 2. 3 Construção de posse

Como já se pode perceber, as estruturas que indicam posse com o verbo *ter*, nas cartas escritas por redatores inábeis, apresentam variadas relações com o elemento possuído. Nas construções sob enfoque, pode estar em um domínio mais material/concreto, diferentemente das construções que indicam uma *posse metafórica* que são mais abstratas.

As 13 estruturas que indicam uma *posse* apresentam a configuração formal SUJ.AGENTE TER + TEMA. PACIENTE, em que, necessariamente, o elemento possuído é

algo concreto e , nessas construções, os itens podem ser substituídos ou sua posição pode ser modificada sem se distanciar do significado, o que remete a uma estrutura composicional. Destacam-se algumas construções:

(xiv) “mais não foi a operei para não **ter** mais filho” (carta 70, AJJS, 10/09/1978).

(xv) “e vor lhi dizer que as galinha que eu **tem** ai e a q foi de bernadete” (carta 37, MC, 09/04/1955).

(xvi) “ e bom que as pessoa **tenha** 1 fita, agulha de mão” (carta 104, IC).

Em (xiv), posto que o sintagma nominal “filhos” não possa ser identificado como uma posse efetivamente concretizada, pode-se dizer que a estrutura faz referência a uma posse prototípica, uma vez que se nota uma posse demarcada pela construção cultural humana que é concretizada pela relação MÃE TER/POSSUIR FILHO, como sinaliza Peixoto (2012).

Na construção em (xv), percebe-se que o item possuído “a galinha” está anteposto ao verbo *ter*, mas pode ser compreendido pela composição da estrutura. Em (xvi), observa-se que alguém deve /ter/possuir os itens “fita, agulha” e os elementos podem ser colocados antepostos ao verbo (fita e agulha de mão é bom que as pessoas tenham) ou, até mesmo, podem ser substituídos por outros elementos (tesoura e pano é bom que as pessoas tenham).

Observa-se, como **agente** das construções que remetem a uma *posse*, o escrevente inábil que faz uso dessas estruturas para referenciar laços familiares e transações econômicas e comerciais. O **tema** é preenchido por um núcleo nominal (filho, galinha, fita, como especificados nos exemplos anteriores), em que confirma a relação de posse.

7. 2. 4 Construção existencial

Pondera-se que a acepção funcional *ter em substituição ao verbo haver*, com acepção existencial, corresponde ao quarto tipo construcional com maior número de quantificação, uma vez que representa 10% das construções capturadas. Vejamos alguns exemplos:

(xvii) “ var mi descupano os ero que **tem** e recebra lembran” (carta 50, AJCO, 09/04/1955).

(xviii) “ **tem** trabalho para ele” (carta 56, AAHCS, 01/01/1977).

(xix) “ estou pensando de procurar um ortopedista em Riachão **tem** um que trabalha toda quarta” (carta 87, AHO, 14/02/2000).

Nas construções em (xvii, xviii e xix), observa-se que o elemento *ter* pode ser substituído pelo verbo *haver* sem prejuízo funcional das estruturas: “*vá me desculpendo os erros que há e receba lembranças*”, “*há trabalho para ele*” e “*estou pensando em procurar um ortopedista. Em Riachão há um que trabalha toda quarta*”.

No trabalho de Viotti (1998), há o entendimento de que o verbo *ter* nos séculos XIV e XV estabeleceu concorrência com o item *haver*, passando a ser predominante na sincronia posterior. Por meio da análise dos dados desta pesquisa, é possível perceber que, no século XX, o elemento lexical *ter* é predominante e agrega aspectos funcionais variados, em que a equivalência ao verbo *haver* não se configura como a manifestação mais representativa.

A configuração estrutural dessas construções é TER + TEMA/PACIENTE, em que o elemento que recai a ação pode aparecer em sua posição canônica (depois do verbo), como também na posição pré-verbal, como especificado em (xvii e xix).

Chama-se a atenção, também, para o fato que esse aspecto semântico, assim como outros detalhados, veiculam informações que fazem referência ao contexto de escrita e às situações de uso que os escreventes inábeis fazem parte, como defende Bybee (2016). Dessa maneira, as marcas formais e de significado atinentes às construções não devem ser desvinculadas, a fim de não comprometer o entendimento integral das estruturas linguísticas.

7. 2. 5 Construção de obrigatoriedade

A construção composta pela configuração estrutural TER QUE + VERBO foi a menos recorrente nas cartas escritas por escreventes inábeis, representando 2% dos dados. Essa construção remete à acepção de *obrigatoriedade* e se aproxima de estruturas que se inserem ao campo da ordem. Observemos:

(xx) “Bom Pitanga si você não vendêu u jumento não **tem que vender** que eu vou mandar burcar nu meis di setembro” (carta 40, SFS, 02/09/1955).

(xxi) “mas isto é marcação de Deus **temos que aceitar**” (carta 77, AMOC, 12/09/1990).

(xxii) “eu disse que precisava do dinheiro e não podia arrumar que **tinha de compra** uns trem da filha” (carta 127, ACO, 1977).

As construções em (xx, xxi e xxii) sinalizam para um significado de *obligatoriedade*, em que o item *ter* direciona essa acepção. Percebe-se, também, que o elemento principal da construção (vender, aceitar, comprar, respectivamente) confirma esse significado e remete a relações estabelecidas pelo contexto de uso dos escreventes inábeis. O **agente** dessas estruturas é o redator inábil e o **tema** ora é preenchido como em (xx e xxii) ora não é como especificado em (xxi).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisaram-se construções com o verbo *ter*, no Português Brasileiro, do século XX, em documentos escritos por redatores inábeis, tendo como aporte teórico os princípios da Gramática de Construções na perspectiva cognitiva-funcional. Foram identificadas 103 estruturas no *corpus*, em que foram considerados aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Salienta-se que esta investigação buscou descrever os padrões formais e funcionais que compuseram as construções capturadas.

Nos documentos escritos por redatores inábeis, encontraram-se 5 construções com o item *ter*: *posse metafórica*, *ação concluída*, *posse*, *construção existencial* e *construção de obrigatoriedade*. A construção que aponta para uma *posse metafórica* foi a mais representativa (56 ocorrências), o que remete a usos mais abstratos com elemento *ter*, no século XX, em textos escritos sem a vigilância do prescritivismo gramatical vigente. No que tange às construções restantes, posto que menos recorrentes, apontam para riqueza e polissemia semântica do verbo *ter*, associadas a processos cognitivos como as estruturas metafóricas identificadas.

Importa chamar a atenção que os resultados deste trabalho confirmam usos variados com o elemento *ter*, em que ele aparece como elemento pleno, auxiliar e suporte. Além disso, ao considerar o padrão de origem do elemento sob análise, nota-se que há uma flexibilidade funcional, na medida em que acepções como *posse* prototípica e *existencial* já não são predominantes nas estruturas expressadas por esse verbo. Significados que apontam para uma abstratização do item *ter* foram predominantes nas construções capturadas, dado que representam 50% dos dados investigados. Com isso, percebem-se, ainda, usos esquemáticos como predominantes nas construções com *ter* nas cartas escritas por redatores inábeis.

Os resultados deste trabalho não somente oferece uma descrição detalhada do comportamento do verbo *ter* em textos escritos por escreventes que pararam em fase inicial de aquisição da escrita, mas também amplia a inserção do aporte teórico-metodológico disponibilizado pela Gramática de Construções para o tratamento de dados linguístico-cognitivos, ao abordar construções ainda não exploradas por essa perspectiva teórica. Ademais, esta pesquisa contribui para compreensão da história da língua portuguesa no Brasil e demonstra como o verbo *ter* desempenha um papel importante na estruturação gramatical e discursiva do Português Brasileiro.

Para divulgação do trabalho e fomento de questões futuras, sugerem-se o estabelecimento da relação entre as construções encontradas no *corpus* e a elaboração de uma

rede construcional orientada pelas construções com o elemento *ter* capturadas nos documentos escritos por redatores inábeis no século XX.

REFERÊNCIAS

- ANTUÑANO, Iraide Ibarretxe. La lingüística cognitiva y su lugar en la historia de la lingüística. **Revista española de lingüística aplicada**, n. 26, p. 245-266, 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo, Parábola editorial, 2012
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII**. História social da língua nacional. Rio de Janeiro: edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves, **O controle de marcas de inabilidade na escrita analfabética e a identificação das mãos inábeis em corpora histórico- diacrônicos**. Revista da ABRALIN, v.16, n.2, p. 19-43, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017.
- BECHARA, Evanildo, **Moderna gramática portuguesa**, 37 ed Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2009.
- BYBEE, Joan. **Language change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso, **Estrutura da língua portuguesa**. Editora Vozes Ltda, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1970.
- CHIAVEGATTO, Valéria Coelho, **Introdução à linguística cognitiva**. matraga, rio de janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009
- CHOMSKY, Noam, **Estruturas sintáticas**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2018.
- CORPUS ELETRÔNICO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO SERTÃO, CE- DOHS. Disponível em: <http://www5.uefs.br/cedohs/view/home.html>. Acesso em: 07/07/2022, 10:27.
- COSTA, Talita Araújo, **Usos e sentidos dos verbos existir, haver e ter na língua falada e escrita da cidade do natal: uma análise funcionalista**. Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras (PPGL), do Departamento de Letras do Campus Avançado Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2018.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley, **Nova gramática do português contemporâneo**, 07 ed. Lexcon editora digital, 2016.
- EVANS, V.; GREEN, M. **The nature of cognitive linguistics: assumptions and commitments**. **Cognitive Linguistics: an Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. p.27-53.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. Editora Contexto, 2011.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. vol. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2003.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, **processos de inserção de analfabetos e semi-analfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950)**. Revista brasileira de educação. Jan/fev/abr, n 16, 2001.

- GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele. **Construções: uma nova abordagem teórica para a linguagem**. Revista cadernos de tradução, 2012.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre, **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio, **Produção textual, análise de gênero e compreensão**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008). **O português arcaico**: uma aproximação. Léxico e Morfologia, v. I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATOS E SILVA, Rosa Virgínia; OLIVEIRA, Klebson; AMARANTE, José, **Português arcaico, português brasileiro, cultura e escrita no Brasil e outros estudos**. Edufba, 2013.
- MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**, 2 edição. Editora Padrão- livraria editora, Rio de Janeiro, 1976.
- MONTEIRO, José Lemos, **Morfologia portuguesa**. Campinas Pontes, 2002.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Volume 2, São paulo: Cortez, 2001.
- MUSSALIN, Fernanda; ALKMIM, Tânia Maria. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Volume 1, São Paulo: Contexto, 2012.
- NARO, Athony Julius; BRAGA, Maria Luiza, **A interface Sociolinguística/gramaticalização**. Gragotá: Noterói n.9, p. 125-24, 2. 2000.
- PEIXOTO, Cleiliane Sisi, **Polissemia com os usos com o verbo ter**: arbitrariedade ou iconicidade? Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista - UNESP, São José do Rio Preto, 2012.
- PINHEIRO, Diogo. **Indeterminação ou polissemia?** A rede semântica do verbo ter no português brasileiro. LEITÃO DE ALMEIDA, ML et alii, 2009.
- PINHEIRO, Diogo, **Um modelo gramatical para linguística funcional- cognitiva**: da gramática de construções para gramática de construções baseada no uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.).Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem. Campos: Brasil Multicultural, a sair. 2015.
- PINHEIRO, Diego; ALONSO, Karen, **30 anos (ou mais) de gramática de construções**: primeiros apontamentos para a história do movimento constitucionalista (ou: 1988: o ano que não terminou). Rio de Janeiro, Vol 14, número 1, p.6-29, Jan- abr, 2018.
- PINHEIRO, Diogo Oliveira R.; SILVA, Augusto Soares da; JÚNIOR, Roberto de Freitas. Gramática de construções baseada no uso. **Soletras**, v. 45, p. 1-15, 2023.

SAID ALI, Manoel, **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo, editora-proprietária Camp. Melhoramentos de São Paulo, 1931.

SANTIAGO, Huda S., **A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização**. Salvador, 2019. Huda da Silva Santiago. Salvador, 2019. Tese (Doutorado- língua e cultura)- Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós- graduação em língua e Cultura, 2019.

SANTIAGO, Huda S., **Cartas em sisal: estudos morfossintáticos**. Campinas, São Paulo, Pontes Editora, 2023.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2002.

TARALLO, Fernando, **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: editora Astica S. A, 1990.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. **Constructionalization and Constructional Change**. Oxford University Press: Oxford, 2013.

VIEIRA, Antonia Clayse-Anne de Medeiros,. **Oos usos de construções com ter no PB: uma abordagem construcional** Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras (PPGL), do Departamento de Letras do Campus Avançado Profª Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2017.

VIOTTI, Evani. **Uma história sobre “ter” e “haver”**. Cadernos de estudos linguísticos, v. 34, 1998.

APÊNDICES

CONSTRUÇÕES COM O VERBO TER NOS DOCUMENTOS ESCRITOS POR REDADORES INÁBEIS

Construção com verbo <i>ter</i>	Fonte da carta	Caracterização formal	Caracterização funcional	Produtividade/frequência de uso
“Compadi pitanga eu fiquei contenti du senhor ter minha virzado	Carta 7 (AFS - 01/10/1962)	“ter + participípio passado do verbo principal”	Ação concluída	
“Sim comp Deus estamos bem” adi condou sinhor mim esquever <u>eu</u> tenho esti indereço	Carta 13 (AFS, 1963)	Sujeito agente Tema paciente	Posse por extensão metonímica, já que a expressão “este endereço” é a parte do todo (casa, apartamento)	

<p>“tenha ferz ni mim que eu tenho ni Deus”</p> <p>Sim tenhor fers ni Deus i mi mim</p>	<p>Carta 15 (AFS, 20/07/1963)</p>	<p>SUJ AGENTE/EXPERIENCIADOR ter OBJETO TEMA/PACIENTE.</p> <p>SUJ AGENTE/EXPERIENCIADOR ter fé</p>	<p>Posse (metafórica). Caso de verbo leve, dado que a construção pode ser substituída por Crer/acreditar em mim/em Deus</p>	
<p>“A coua Almavi cartinha i firquei muito saltifeito du têr mim avizado que o têmpo esta muito rouis</p>	<p>Carta 18 (AFS, 20/00/1963)</p>	<p>SUJ AGENTE/EXPERIENCIADOR ter OBJETO TEMA/PACIENTE</p>	<p>Posse (metafórica)</p>	

compadi foi A maor aligial que eu tivi . na . minha vida”				
“Compadre pitanga eu a recebi u ceu a marvi Biletinho firquei muito satifeito du simhor têr a lenbardo di min”	Carta 19 (AFS, 03/03/1965)	“ter + particípio passado do verbo principal”	Ação concluída	
“Farsa um tudo purmin detas que nois ten tempo par Acerta” “eu não têho tenpo parnada vou terminal par não li.”	Carta 23 (AFS)	SUJ AGENTE/EXPERIENCIADOR ter OBJETO TEMA/PACIENTE	Posse metafórica, relacionada a metáfora TEMPO É DINHEIRO (Lakoff e Johnson, 2002)	
“juão vose manduo dizer que datiu tinha vendido a gallinha”	Carta 28 (GOR, 23/04/1955)	“ter no pretérito imperfeito do indicativo + particípio passado do verbo principal.	ação concluída num passado anterior a outro passado (pretérito mais-que-perfeito do indicativo)	
“estamos com saude e não tenho tempo para nada João”	Carta 34 (MCO, 25/03/1963)	SUJ AGENTE/EXPERIENCIADOR ter OBJETO TEMA/PACIENTE	Posse metafórica	

Construção com verbo ter	Fonte da carta	Caracterização formal	Caracterização funcional	Produtividade/fr equência
“João diga us menino que eu não esriviri por que não tivi tempo”	Carta 36 (MC, 25/02/1955)	SUJ AGENTE/EXP ERIENCIADO R ter OBJETO TEMA/PACIE NTE	Posse metafórica	
“e vor lhi dizer que as galinha que eu tem ai e a q foi de bernadete”	Carta 37 (MC, 09/04/1955)	SUJ AGENTE/EXP ERIENCIADO R ter OBJETO TEMA/PACIE NTE	Posse prototípica	
“vontadi eu tenho muitas mais não poso compadi”	Carta 38 (NIN)	SUJ AGENTE/EXP ERIENCIADO R ter OBJETO TEMA/PACIE NTE. SUJ AGENTE/EXP ERIENCIADO R ter vontade	Posse (metafórica)/. Caso de verbo leve, uma vez que a construção “tenho pode ser substituída por querer. (eu quero muito, mas não posso, compadre)	
“Bom Pitanga si você não vendêu u jumento não tem que vender que eu vou mandar burcar nu meis di setembro”	Carta 40 (SFS, 02/09/1955)	Ter que verbo	Obrigatoriedade	

“Desculpe os eros que tem i tambem as falta di saber”	Carta 43 (AJCO, 24/05/1956)	ter existencial	verbo haver/existir??
“minha mãe eu vou embora esta cemana não tem dia marquado pra eu ir enbora”	Carta 44 (AJCO, 1975)	Ter + tema paciente	verbo haver, existir

<p>“commadi foi a maor Aligiar que eu tivi na mia vida”</p> <p>“A cinhor min esqueveu Ate hoje eu tenho aligar sin compadi “</p>	<p>Carta 45 (AJCO, 27/04/1963)</p>	<p>SUJ AGENTE/EXPERIENCIADOR ter OBJETO TEMA/PACIENTE</p> <p>sujeito agente +ter objeto paciente</p>	<p>posse metafórica nas duas construções</p>
<p>“Eu li escrevo para li pedi Comadre Doralice para ficar mais eu ate no dia 02 a te pelo amor de Deus que eu tenho tanto trabalho que eu não poso fazer”</p>	<p>Carta 48 (AJCO, 23/09/1976)</p>	<p>Sujeito agente + ter tema paciente</p>	<p>posse (metafórica), semelhante a “ter alegria”</p>
<p>“ var mi descupano os ero que tem e recebra lembran”</p>	<p>Carta 50 (AJCO, 09/04/1955)</p>	<p>verbo no presente do indicativo e ter+ objeto paciente</p>	<p>haver, existir</p>
<p>“Doma Almerinda deixi Maria do Carmo vim a qui um dia com Antônio qui eu tenho uma coisa para ela”</p>	<p>Carta 52 (AJCO, 03/03/1977)</p>	<p>sujeito agente/experenciador + objeto paciente</p>	<p>posse prototípica não marcada/definida (uma coisa pode ser concretizada em blusa, galinha etc.)</p>
<p>“Hoje fez um mês e 8 dias que te vi de lonje preciso te vê de perto eu tenho vontade de te vê”</p>	<p>Carta 54 (AAHCS, 18/07/1975)</p>	<p>sujeito agente experienciador + ter objeto paciente</p>	<p>Posse (metafórica) descrever o nível de generalização: desejo. Caso de verbo suporte/leve, dado que a construção tenho vontade pode ser substituída por “eu QUERO te vê”.</p>
<p>“ tem trabalho para ele”</p>	<p>Carta 56 (AAHCS, 01/01/1977)</p>	<p>ter=haver + tema paciente</p>	<p>haver, existir</p>
<p>“eu espero em Deus que a dele tenha xegado tambem que para mi sera alegria”</p>	<p>Carta 63 (AAHCS, 10/12/1992)</p>	<p>Morfologia; verbo ter no presente do subjuntivo + participio passado do verbo principal, formando o pretérito perfeito composto do</p>	<p>desejo/ação anterior já concluída</p>

		subjuntivo	
<p>“eu nuca tive votadi de temina com voce”</p> <p>“ Eu esitou muito nervozo não teio gupa de gosta tanto de voce”</p>	Carta 64 (AAHCS, 21/12/1975)	<p>SUJ AGENTE/EXPERIE NCIADOR ter OBJETO TEMA/PACIENTE</p> <p>verbo no presente do indicativo sujeito agente/experenciado r +ter objeto paciente</p>	<p>Posse (metafórica). Caso de verbo leve/suporte, uma que a construção pode ser substituída por = querer: “eu nunca quis terminar com você”</p> <p>posse (metafórica) verbo leve, já que pode ser substituída por “não deveria gostar tanto de você”</p>
<p>“ excelentíssima família que para mim serar os maior prazerris que averas de ter”</p> <p>“eu conheico as minhas mal occa que eu tinha feito com vosmecê”</p> <p>“ como eu cei com touda certeiza que entri nóz não tem novidade “</p> <p>“ nóz e di viver touda nossa vida tendo amizadi com fé emdeus”</p> <p>“ eu nada tenho a lhi dizer pur que vosmece quando mi escrevi nada mi diz”</p> <p>“ Delmira ja tem mi chamado muitas vez”</p>	Carta 66 (AJJS, 19/03/1906)	<p>ter verbo principal</p> <p>Na segunda construção: verbo ter no pretérito imperfeito do indicativo + participío passado do verbo fazer, formando o pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo</p> <p>Terceira construção: ter objeto paciente</p> <p>Quarta construção: verbo no gerúndio, mas também sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Quinta construçã: verbo principal + infinitivo Sexta Sujeito agente ter</p>	<p>posse (metafórica) “ter prazer”</p> <p>Segunda estrutura, ação concluída</p> <p>Terceira construção:, haver, existe</p> <p>Quarta construção : posse contínua (metafórica) “ter amizade”</p> <p>Quinta construção: posse (metafórica)</p> <p>Sexta construção: <u>posse metafórica.</u></p> <p>Sétima: <u>ação concluída</u></p>
“uma carta de	Carta 67 (AJJS,	Ter no pretérito	Ação concluída num

<p>vosmece a 12 de julho i outra a 2 di agosto i nem uma tinha lhi arespondido, porem não foi pur falta di lembranças”</p> <p>“ estamos carregado lonji que não si tem uma hora di fuga”</p> <p>“ quem quizer si cazar si cazi que eu não quero mas ja tevi vontadi hoji não tenho mais”</p> <p>“eu fui muito bem pur que estava com avida i a saudi porem di alegria não tevi mas não foi pur não haver alegria foi porque quem tem tristeza não pode ter alegria”</p> <p>“ eu tenho sofrido muitos desgosto”</p> <p>“entritanto estou bem satisfeita comos incombodos de que Deus tem mi dado comadre”</p>	<p>24/08/1908)</p>	<p>imperfeito do indicativo + particípio passado do verbo principal (PMQP do indicativo)</p> <p>Na segunda construção: sujeito agente, porém não marcado pela desinência verbal, mas subentendido? + ter objeto paciente</p> <p>Na terceira e quarta construções: sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Na quinta construção: verbo ter no pretérito perfeito do indicativo. Sujeito agente/ experienciador + ter objeto paciente</p> <p>Sexta construção: sujeito agente + ter objeto paciente Na sétima estrutura: ter verbo principal de uma locução verbal com sujeito agente e objeteto paciente</p> <p>Na oitava construção: ter no pretérito perfeito do indicativo + particípio passado do verbo principal (pretérito mais -que-perfeito do indicativo)</p> <p>Na nona estrutura, sujeito agente + ter +</p>	<p>passado anterior a outro passado</p> <p>Na segunda construção: posse (metafórica) “ter tempo, tempo é dinheiro”</p> <p>Na terceira e quarta construções: posse (metafórica). Caso de verbo leve/suporte, dado que pode ser substituído por “já quis, hoje não quero mais”</p> <p>Na quinta, sexta e sétima construções: posse (metafórica)</p> <p>Na oitava, uma ação concluída em um passado anterior a outro passado</p> <p>Na nona estrutura, ação concluída.</p>
---	--------------------	--	---

		obseto indireto paciente + participio do verbo principal	
<p>“ obrigado pella amizade que lhi tenho”</p> <p>“ apais não tem o prazer di ter as suas”</p> <p>“ eu tenho gosto e prazer quando tenho noticias sua”</p>	Carta 68 (AJJS)	<p>Sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Nas estruturas dois e três, sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Na quarta e quinta construções: sujeito agente + ter objeto paciente</p>	<p>Posse (metafórica), ter consideração/ter amizade</p> <p>Na segunda, posse metafórica “ter prazer”. Na terceira, posse (ter as suas? notícia, lembrança...)</p> <p>Na quarta e quinta construções, posse (metafórica)</p>
<p>“ eu escrever par dionisio e não teve resposta todo dia porcura e mão tem manda”</p> <p>“Zezete você teve novidade”</p> <p>“Zezete voçe mandou mi perguntar si eu ja tinha mi Operado dais varis”</p> <p>“mais não foi a operei para não ter mais filho”</p>	Carta 70 (AJJS, 11/09/1978)	<p>Na primeira construção, sujeito agente + ter tema paciente</p> <p>Na segunda, sujeito agente ter tema paciente</p> <p>Na terceira, sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Na quarta, verbo ter no pretérito imperfeito do indicativo +participio passado do verbo principal (PMQP do indicativo)</p> <p>Na quinta, ter infinitivo</p>	<p>Na primeira, posse (metafórica, uma vez que resposta está metaforizada como coisa)/ receber/obter</p> <p>Na segunda, o verbo ter é reanalisado com o significado possuir, encontrar/achar</p> <p>Na terceira, posse (metafórica)</p> <p>Na quarta, uma ação concluída em um passado anterior a outro passado</p> <p>posse prototípica</p>
<p>“ ia senhora como tem passado tem passado bem a qui todos tem saudade de apareser air”</p> <p>“ eu não lhi escrevo</p>	Carta 75 (AMOC, 1994)	Morfologia das duas primeiras construções: ter auxiliar no presente do indicativo + participio passado do verbo passar	ter assume a significação do verbo estar (como a senhora está? Está bem? Caso de verbo leve e posse metafórica??

<p>porquer não tenho por quem mandar”</p>		<p>sujeito agente</p> <p>Na terceira construção: sujeito agente + ter tema paciente</p> <p>Na quarta estrutura: sujeito agente + ter ??</p>	<p>Na terceira construção se observa uma posse metafórica</p> <p>Na quarta construção: posse metafórica? Não tenho por quem mandar a carta. Carta como recipiente</p>
<p>“ Ha tempos que estou com confusão de ter pegado uns pedaços de umburana no pasto de vocês”</p>	<p>Carta 76 (AMIOC)</p>	<p>ter + participio passado</p>	<p>Ação concluída</p>
<p>“mas isto é marcação de Deus temos que aceitar”</p>	<p>Carta 77 (AMIOC, 12/09/1990)</p>	<p>SUJ AGENTE/EXPERIENCIADOR ter OBJETO TEMA/PACIENTE</p>	<p>precisamos/devem aceitar a marcação de Deus/ter que verbo /obrigatoriedade??</p>
<p>“qui tenho tido muita saudadi Di vosmece”</p> <p>“Mais eu tenho tido vontadi de da l paceo la na sua caza”</p>	<p>Carta 78 (AJJS, 22/03/1906)</p>	<p>Na primeira construção: ter + participio passado do verbo ter sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Na segunda estrutura: ter + participio passado do verbo ter. Sujeito agente+ ter objeto paciente</p>	<p>Nas duas construções, observa-se uma ação concluída</p>
<p>“eu fizi huma ação muito fei com sigo de eu ter aricibido huma carta sua”</p> <p>“i la eu tenho tido anoticiaqui no domingos esta muito bom”</p>	<p>Carta 79 (AJJS, 21/12/1906)</p>	<p>Na primeira estrutura: ter + participio passado do verbo receber. Sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Na segunda construção: sujeito agente + ter +</p>	<p>Ação concluída</p>

		particípio	
<p>“excelentíssima família estas tem por fim dezerli que a chei um lugar”</p> <p>“ Quanto o terreno e a mema cantia so tem pior a caza por cer mas pequena”</p>	Carta 81 (AJJS, 15/11/1907)	<p>Na primeira construção, sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Na segunda estrutura, sujeito agente metafórico, uma vez que tem como domínio fonte homem/ser humano possuidor de algo + ter objeto paciente</p>	<p>Na primeira estrutura, pretensão/objetivo. Caso de verbo leve??? estas pretendem dizer/objetivam dizer? Esse caso ajuda a entender por que o falante utiliza construções com o VL (não tem propriedade de estruturas mais formais da língua, como “escrevo com a pretensão de dizer”, estas objetivam dizer”??</p> <p>Na segunda construção, posse prototípica (o terreno tem casa)</p>
<p>“ eu tenho tristeza por minha triste sina de ter me confiado a ele e ele não foi responsave. eu tenho fê em Deus”</p> <p>“tenho tristeza por não viver alegre como as outras”</p>	Carta 84 (AMDC, 09/06/1966)	<p>Na primeira estrutura, sujeito agente/experienciado r + ter objeto paciente.</p> <p>Na segunda estrutura, ter + particípio passado do verbo principal</p> <p>Na terceira construção, sujeito agente/experienciado r + ter objeto paciente</p> <p>Na quarta construção: sujeito agente + objeto paciente</p>	<p>Na primeira estrutura, posse (metafórica) tristeza como objeto</p> <p>Na segunda estrutura, ação concluída</p> <p>Na terceira construção, posse (metafórica). Caso de verbo leve, pois pode ser substituída pelo verbo acreditar</p> <p>Na quarta estrutura: posse (metafórica), carregar. Tristeza metaforizada como objeto</p>
“porque eu não teno	Carta 86 (AMDC,	Na construção,	Na estrutura, posse

noticia da senhora da senhora”	21/12/1995)	sujeito agente/experenciado r + ter objeto paciente	(metafórica), receber/obter
“ tem dia que peço que vou ficar paralitica” “ estou pensando de procurar um ortopedista em Riachão tem um que trabalha toda quarta”	Carta 87 (AHO, 14/02/2000)	Na primeira estrutura, nota-se ter + objeto paciente Na segunda estrutura, ter + objeto paciente	Na primeira estrutura, observa-se verbo ter equivalente ao verbo existir/verbo haver Na segunda estrutura, verbo ter equivalente ao verbo existir/haver
“José Adriano ofim desta E somente lhi dizer que tenho uma posi de terra”	Carta 88 (Ajjs)	Sujeito agente + ter objeto paciente	Posse metafórica, pois posse está sendo metaforizada como posse de terra
“ não vou conta porque não tenho tempo” “ tenho fer em deu que um dia nois torna se encontra para conversa”	Carta 91 (BMO)	Sujeito agente/experenciado r + ter objeto paciente Na segunda construção, sujeito agente + ter objeto paciente	Posse (metafórica) Na segunda estrutura, posse metafórica e o verbo ter também assume o significado dos verbos crer e acreditar. CASO DE VERBO LEVE.
“mais não tem nada não”	Carta 94 (ACO, 18/03/1975)	Ter + tema paciente	posse. Verbo ter equivalente ao verbo haver/exostir
“muita caudade dus teus carinho que para min ceja a minha riqueza eu ter você na minha companhia”	Carta 95 (ACO, 16/06/1975)	Sujeito agente + ter objeto paciente	Posse (metafórica), ter você/possuir alguém. Posse humanizada
“Aquela encomenda que mãe disse que tinha pra você que é a galinha”	Carta 96 (ACO, 1977)	Sujeito agente + ter objeto paciente	Posse prototípica (aquela encomenda, a galinha)
“ eu tenho muito prazer de você estar no meu puder e você	Carta 98 (ACO)	Na primeira construção: sujeito agente + ter objeto	Nas três estruturas, observa-se uma posse metafórica.

ou tem vontadi di tar no meu puder” “ Eu não posso contar a minha vida porque já um bando de vez tenho vontadi di li falar que eu ia dar presça”		paciente Na segunda construção: sujeito agente + ter objeto paciente. Na terceira construção: sujeito agente + ter objeto paciente	Nas duas últimas, observa-se casos de verbo leve. A construção pode ser substituída por QUERER
“ mi desculpe de eu não ter ido ” “eu tenho uns calzo pra lhi contar”	Carta 100 (DCO)	Na primeira estrutura, sujeito agente + ter +particípio passado do verbo ir Na segunda estrutura, sujeito agente + ter tema paciente	Ação concluída Na segunda construção, posse metafórica, já que caso está sendo metaforizado como coisa?
“ o lugar de apilide e asim si a pessoa tem o nomi e é conhecida por apelide”	Carta 103 (IC)	Sujeito agente + ter tema paciente	posse metafórica, uma vez que nome está sendo tratado como coisa?
“ e bom que as pessoa tenha 1 fita, agulha de mão, 1 tezoura tinha papel para o corte”	Carta 104 (IC)	Na primeira estrutura, observa-se sujeito agente + ter objeto paciente Na segunda estrutura, sujeito agente + ter objeto paciente	Na primeira estrutura, observa-se uma posse prototípica, assim como na segunda construção.
“ ceí que vocês tem a mesma satisfação”	Carta 108 (NIN, 10/07/1988)	Sujeito agente + ter objeto paciente	Posse metafórica
“comadri eu tenho muita vontadi di lhi ajudar”	Carta 110 (TB)	Sujeito agente+ ter objeto paciente	Posse (metafórica), verbo leve querer
“jar tor com caudadi de-li eu não teiu fer di eli vim aqui”	Carta 113 (VO)	Sujeito agente/experenciado r + ter objeto paciente	Posse (metafórica), crer, acreditar. Caso de verbo leve/suporte
“fiquei muita	Carta 115 (ZBO,	Ter + particípio	Ação concluída

satisfeita di você ter alemrado di mim”	27/12/1975)	passado do verbo lembrar	
“pregunte se tem a guiniais e para cravo e espinha”	Carta 117 (ZBO)	Ter + objeto paciente	ter equivalente ao verbo haver
“eu não tenho crupa de você cer acin” “eu não quero você proque tem muita paquera”	Carta 118(ZBO)	Na primeira estrutura, observa-se sujeito agente + ter objeto paciente Na segunda, nota-se ter + objeto paciente	Na primeira estrutura, posse metafórica Na segunda, posse metafórica, dado que “paquera” está como coisa?
“Cecília disi que era para a senhora procura quem tem farinha de goma” “Julieta Cecília não teve tempo de costura meus vestidos” “a senhora cabem que tenho a natureza fraca” “ teve festa a qui”	Carta 123(ZBO, 20/12/1975)	Sujeito agente+ ter objeto paciente Na segunda estrutura, sujeito agente +ter objeto paciente Na terceira estrutura, sujeito agente + ter tema paciente Na quarta, ter + objeto paciente	Posse prototípica Na segunda estrutura, posse metafórica Na terceira estrutura, posse metafórica Na quarta, ter equivalente a haver/ acontecer
“eu tinho muita coiza para cer lhi contado”	Carta 124 (ZBO, 1975)	sujeito agente + ter tema paciente	posse metfórica, já que coisa é igual assunto e está sendo tratado como coisa??
“eu fi triste o gosto qui a senhora tinha não para termenar” “Mãe eu não tenho com quem vou si a senhora podi vim venha”	Carta 125(ZBO)	Sujeito agente + ter objeto paciente Na segunda estrutura, observa-se sujeito agente + ter objeto paciente	posse metafórica (“ter gosto” GOSTO COMO COISA) Na segunda estrutura, observa-se o ter com o significado do verbo saber
“eu disse que precisava do dinheiro e não podia arrumar que tinha	Carta 127 (ACO, 1977)	Sujeito agente +ter objeto paciente. Ter no pretérito imperfeito	Ação não concluída Ou ter que VERBO?

<p>de compra uns trem da filha”</p> <p>“Seu Manoel u me tem ja chegou e quero mi cazar”</p>		<p>????????</p>	
<p>“não poso dar os abraco que tinha pra lhi dar”</p> <p>“todos os dias tem festa pra lar”</p>	<p>Carta 129(VO)</p>	<p>Ter no pretérito imperfeito. sujeito agente + ter objeto paciente</p> <p>Na segunda estrutura, Ter + objeto paciente</p>	<p>Posse metafórica “ter abraço” como coisa</p> <p>Na segunda estrutura, verbo ter equivalente ao verbo haver</p>